

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

FABRÍCIO PINTO MONTEIRO

**REFLEXÕES SOBRE O NIILISMO CONTEMPORÂNEO,
O PENSAMENTO E A CULTURA ANARCO-PUNK**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
2004**

FABRÍCIO PINTO MONTEIRO

**REFLEXÕES SOBRE O NIILISMO CONTEMPORÂNEO,
O PENSAMENTO E A CULTURA ANARCO-PUNK**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em História do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de bacharel em
História, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Jacy Alves de Seixas

2004

BANCA EXAMINADORA
Uberlândia, 30 de Junho de 2004

Prof.^a Dr.^a Jacy Alves de Seixas (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Christina da Silva Roquette Lopreato

Prof.^a Ms Leila Floresta

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente ao Ateu, ao Samuel e ao pessoal da GALE, que abriram o espaço para as conversas, as observações e pelo material disponibilizado. Agradeço também ao Paulo pelo interesse sempre demonstrado pelos corredores (“E aí cara, como é que vai a pesquisa?”). Taí a pesquisa, graças à ajuda de vocês. Sei que muitas coisas que eu escrevi vocês podem não concordar, que talvez eu possa ter chegado a algumas conclusões que não tem nada a ver, mas são coisas inevitáveis aos trabalhos acadêmicos, que nunca vão conseguir chegar nem perto da complexidade e da rapidez das mudanças da realidade e de cada indivíduo. Essa é a visão que eu pude ter, só espero que seja minimamente coerente com essa realidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.05
CAPÍTULO I – Sobre o Nihilismo.....	p.13
1.1 – O surgimento da cultura punk e a elaboração imaginária que os define como “nihilistas”.....	p.14
1.2 – Uma outra possibilidade de elaboração imaginária quanto ao nihilismo e nossa contemporaneidade.....	p.24
CAPÍTULO II – Sobre o pensamento e a cultura anarco-punk.....	p.37
2.1 – Como os anarco-punks interpretam as relações de poder e a exploração na sociedade em que vivem.....	p.37
2.2 – Revolução Individual/ Luta Coletiva.....	p.48
2.3 – A cultura anarco-punk.....	p.57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.75
BIBLIOGRAFIA, FONTES EM GERAL.....	p.78

INTRODUÇÃO

*“querem me calar, mas meu grito tem a força dos trovões
querem me prender, mas eu sou a própria liberdade
querem me mudar, mas eu sou agente maior da mudança”¹*

Estes versos da banda uberlandense Anarco-Íris exemplificam a característica do pensamento anarco-punk que mais me chamou a atenção ao entrar em contato com suas músicas e idéias e que de alguma forma serviu-me de grande fonte de inspiração para a elaboração das problemáticas desta monografia: mesmo que existam diversas “forças” externas (de origens variadas, mas eminentemente sociais) que procuram tolher sua liberdade e controlar suas vidas, os anarco-punks insistem em suas posições de *agentes*. Eles se recusam a abrir mão de sua condição de *sujeitos* e seres *ativos*, quer dizer, pessoas capazes de *transformar* esta realidade social que parece querer transformá-los de uma forma violenta e autoritária em seres passivos e ordeiros.

Este posicionamento despertou em mim um desejo de reflexão mais sistemática sobre o pensamento e a atuação *política* dos anarco-punks junto à sociedade em que vivem, relacionam-se e constroem sua cultura. De uma forma mais específica, acendeu-me uma curiosidade quanto aos seus pensamentos e ações políticas enquanto *sujeitos históricos que parecem reconhecer-se explicitamente enquanto tais*. Deixarei melhor explicitada a problemática dessa monografia mais adiante, ainda nesta Introdução.

Na realidade histórico-social de nosso país, que nos dias atuais parece para muitos marcada pela desesperança em transformações sociais profundas, pela “apatia” política de grande parte da população (especialmente da juventude), que parece ter definitivamente se entregado ao pragmático mundo dos empresários e consumidores neoliberais, admitindo a derrota frente à “estrutura” capitalista, ou seja, realidade marcada por certa forma de *niilismo*; a existência de indivíduos e grupos que ainda insistem-se como “agentes da mudança” social é algo que no mínimo chama a atenção.

¹ Rebel dia In: ANARCO-ÍRIS. **Anarco-Íris**. Uberlândia, 2001. [fita demo]

Certamente esta foi uma impressão positiva para mim, que de acordo com meus próprios valores pessoais e concepções de política e sociedade, de acordo com minhas leituras ao longo da graduação e com minha afinidade com determinadas teorias e construções historiográficas, acabei por inevitavelmente elaborar *opções* de compreensão do pensamento e das ações políticas dos anarco-punks.

Dentre as inúmeras maneiras possíveis de construção de um estudo histórico sobre os anarco-punks –que poderiam focalizar e problematizar prioritariamente sua estética, sua formação identitária, as relações internas dos grupos e bandas, as relações entre suas construções culturais e a mídia, dentre muitas outras opções –, propus-me a priorizar esse estudo sobre *algumas relações entre o pensamento político e as construções culturais dos anarco-punks e alguns elementos do **niilismo** de nossa sociedade brasileira contemporânea*. Niilismo que foi discutido mais intensamente no Capítulo I, mas que desde já pode ser compreendido em certa medida como uma certa apatia política, como a desesperança em mudanças sociais, o fatalismo e a descrença dos sujeitos históricos em si como reais *agentes sociais*.

Além da diversidade de possíveis problematizações inerentes à pesquisa histórica, é importante levantar aqui outro elemento: são também inúmeras as construções imaginárias² que a *sociedade* como um todo pode fazer sobre os anarco-punks e sobre os punks de forma geral.

Algumas vezes eles podem ser vistos como gangues de jovens que se utilizam de atos violentos e vandalismo para extravasar sua “rebeldia-adolescente-sem-causa”. Ou como uma moda, uma estética visual ou musical que pode ser adquirida no shopping mais próximo –e que pode também ser descartada a qualquer momento assim que as tendências desta mesma moda mudarem. Ou ainda como um movimento que se quer político, mas que acaba se perdendo na desorganização e no radicalismo do *underground*.

Provavelmente há adeptos de cada uma desses significados, e também de muitos outros, de modo que não poderíamos falar realmente em uma única representação que os punks possuiriam para a sociedade. Isso ocorre devido à própria diversidade dos segmentos sociais que elaboram para si uma “imagem” sobre os punks –de acordo com suas diferentes posições econômicas, identificações culturais e políticas. Ocorre também porque é impossível falar em um punk *em si*, essencial e verdadeiro.

² Este conceito de *imaginário* será discutido no início do Capítulo I.

Por seu próprio caráter histórico-social, os grupos e indivíduos punks construíram-se das mais diversas maneiras ao longo do tempo. Por volta de 28 anos, se fôssemos considerar 1976 como um “marco fundador” da identidade punk na Inglaterra (principalmente) e nos EUA.³ Desse modo, no início dessa primeira década de 2000 temos “punks de boutique” com uma existência social tão verdadeira quanto os punks-anarquistas, por exemplo; cada um deles considerando-se realmente um punk e muitas vezes desconsiderando o outro como tal.

Para esta monografia específica, é particularmente interessante a construção imaginária da sociedade que relaciona os punks de forma geral (e os anarco-punks como uma consequência) a uma idéia de *niilismo*, pois como já foi colocado, esta relação é o principal ponto de problematização deste trabalho.

Para demonstrar alguns elementos dessa construção, valho-me de algumas notícias de jornais. Penso ser a utilização deste tipo de fonte uma escolha justificada pelo fato de grande parte de nossa sociedade só possuir algum contato com os punks através das grandes mídias (jornais e televisão, principalmente), e que dessa forma elas devem ajudar na construção da “imagem” dos punks e anarco-punks para muitas pessoas:

Cerca de 3000 manifestantes do MST, da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da CMP (Central de Movimentos Populares) entraram em confronto com policiais do Batalhão de Choque da PM em frente à Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo), no centro da capital paulista ontem. Segundo a PM, o estopim do conflito foi o avanço de um grupo de punks contra a linha de policiais que protegiam o prédio de eventuais conflitos durante o protesto pelo aniversário da morte dos sem-terra do Pará.

O conflito se generalizou e a PM usou cães, cassetetes, bombas de gás e efeito moral. Os manifestantes responderam com paus e pedras.⁴

É comum o envolvimento dos punks em protestos junto a outras organizações sociais —o que ocorre com grande frequência, é mais raro uma manifestação nas ruas composta exclusivamente por punks. Apesar disso, o texto coloca claramente uma desconexão entre as ações e organizações de MST, CUT e CMP, que segundo outro ponto da reportagem procuravam realizar apenas “atos simbólicos”. Desconexão foi comprovada na reportagem pelo avanço,

³ A monografia de Homero Fábio Medeiros Franco, **A Cena punk e a Ordem Contemporânea: atitudes e pertinência dos jovens nas cidades Brasileiras**, apresentada em 2001 (UFU) é uma boa síntese de parte das trajetórias e mudanças nas identidades dos punks ingleses e norte americanos desde seu surgimento.

⁴FURTADO, B. Manifestação do MST em SP acaba com seis feridos. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 18 abr. 1998. Brasil, p.1-9

supostamente sem sentido, de um grupo de punks contra os policiais. A violência desta ação teria se espalhado pelos demais manifestantes, generalizando o conflito.

Em outra situação muito parecida:

A manifestação contra a globalização, marcada ontem em todo o mundo, resultou em pancadaria, prisões e muito bate-boca entre a Polícia Militar (PM) e os manifestantes que protestavam em frente à Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo).

A intenção dos cerca de 500 manifestantes era que o ato fosse pacífico. Mas, quando um grupo de aproximadamente dez punks começou a destruir algumas placas comemorativas da Bovespa, a Polícia Militar entrou em ação. (...)

A atitude do grupo gerou confusão e outros manifestantes começaram a jogar bolsas de tinta e pedaços de madeira e faixas no prédio da Bovespa.⁵

Mais uma vez uma marcha pacífica –mais uma vez a Bovespa como alvo simbólico–, parece ter seu sentido totalmente subvertido pela “violência” de um grupo de punks. É como se poucas pessoas pudessem “contagiar” automaticamente com seus impulsos violentos uma multidão pacificada, sem qualquer traço potencial para uma revolta violenta desse tipo.⁶

O fato é que por esses tipos de ação, ou melhor, por esse tipo de interpretação da ação, os punks passam a ser temidos e até rejeitados por alguns movimentos sociais tidos como mais bem estruturados e entidades políticas institucionalizadas (que por essa condição parecem considerarem a si mesmas como mais sérias).

O medo de confrontos durante os protestos contra a venda da Telebrás levou o serviço secreto da PM (Polícia Militar) do Rio a preparar uma repressão específica a grupos anarquistas, punks e de “carecas” (skinheads). A PM informou ontem que 30 militantes dos três grupos já foram identificados. Eles serão retirados dos protestos assim que localizados pelos agentes à paisana infiltrados entre os manifestantes. A participação de punks, “carecas” e anarquistas nas manifestações de amanhã atemorizam até mesmo a direção da CUT (Central Única dos Trabalhadores). (...)

O secretário-geral da CUT lamentou não ter sido procurado pelos dirigentes dos “grupos rebeldes” para conversar sobre os preparativos das manifestações. “Eles só aparecem na hora. Não têm organização, não são vinculados ao movimento sindical”, disse Barbosa.⁷

⁵MATTOS, A.; BILLI, M. Punk faz protesto virar tumulto em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 27 set. 2000. Dinheiro, p.B4.

⁶ Sem querer me tornar advogado de defesa dos punks: se fosse realmente assim, a violência partisse unicamente da essência “revoltada” dos punks, como aqueles “outros manifestantes” conseguiram as bolsas de tinta naquele momento? Era preciso um preparo prévio para isso, conseqüentemente outros manifestantes já percebiam o potencial violento do protesto por si.

⁷ TORRES, S. Ação de punks preocupa PM e CUT. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 jul. 1998. Brasil, p. 1-6.

O pensamento e organização própria dos punks (e também dos anarquistas e carecas⁸), que não segue o padrão estatal-burocrático ou institucional, parece simplesmente não existir segundo a imprensa e a grande mídia. Por consequência, suas ações também não podem ser reconhecidas como políticas.

Em Brasília, um jornalista registra com surpresa a resposta dada por um anarco-punk ao ser perguntado se votaria em Lula nas eleições de 2002:

“A esquerda é apenas uma extremidade da direita”, disse, quando questionado se votaria em Luiz Inácio Lula da Silva. “Não acreditamos no sistema democrático eleitoral. O parlamento burguês não oferece um sistema democrático de representação. O povo deve ser representado por ele mesmo”, afirmou Artur.⁹

Uma afirmação tão simples para um anarco-punk (ou qualquer anarquista), mas tão deslocada do que o jornalista considerava “política verdadeira”, mereceu tornar-se título da matéria, construído para soar como um absurdo aos leitores: “Punk iguala esquerda e direita” (talvez hoje, após um ano e meio de governo Lula esse título não pareça tão absurdo assim!).

Esvaziados de seu caráter político, as ações e a subjetividade dos punks, de uma forma geral, são muitas vezes reduzidas a simples curiosidades “exóticas”. A imprensa os coloca quase como atrações turísticas de Londres, junto a outros personagens que também parecem ser considerados peças de um museu, inofensivos e até divertidos de se ver:

O ato [manifestação contra o capitalismo] reuniu mais de 4000 ativistas e se estendeu por boa parte do centro de Londres. Na maior parte do tempo, o encontro foi pacífico. Jovens vestidos com roupas coloridas, grupos de punks com cabelo espetado, militantes comunistas com camisetas do revolucionário argentino Che Guevara ocuparam pontos turísticos de Londres, em meio à multidão de visitantes.¹⁰

Ou são representados como figuras hilárias e irresponsáveis (como quer a imprensa) em meio à passeata da “brigada dos ‘sem-qualquer-coisa’ ”:

⁸ Cultura e identidade inspirada nos skinheads ingleses (surgidos na segunda metade da década de 1960), mas que no Brasil adquiriu diversas características próprias. Os carecas *de uma forma geral* identificam-se com a “classe trabalhadora” e com o nacionalismo. Não são necessariamente “nazistas” e “racistas” como a mídia também parece querer fazer-nos acreditar, o pensamento político dos carecas é extremamente variado –como entre os punks-, podendo existir carecas que se identificam com a extrema direita e outros com o socialismo. Ver COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Musa, 2000.

⁹ VAZ, L. Punk iguala esquerda e direita. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 jun. 2001. Brasil, p. A8.

¹⁰ GRINBAUM, R. Protestos unem punks e velha guarda. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 2 maio 2000. Dinheiro, p. 2-11.

“Faço parte do grupo dos sem-ter-o-que-fazer e também dos sem-ter-vergonha-de-te-dizer-isso”, ria Mota [office boy que olhava a passeata]. Com igual humor e sem inibição alguma, o estudante de administração, Tiago de Mello acompanhava o ato sem camisa e com uma meia melancia enterrada na cabeça, como se fosse um chapéu. “sou um sem-vergonha-na-cara”, dizia Mello (...) Perto dali, o ativista punk Mingau (ele só revela seu nome de guerra), do movimento punk de Guaianazes (zona leste), declarava-se um “sem-nada”. “Não tenho nada, absolutamente nada. Estou aqui lutando pelos meus ideais, contra o voto obrigatório e o serviço militar obrigatório”.¹¹

Outras vezes, o que predomina é uma imagem dos punks como sujeitos essencialmente violentos, com ações motivadas por uma ânsia pura de destruir e se divertir com isso. Pode-se perceber isso nas primeiras reportagens apresentadas e também, de forma bem clara, na seguinte:

Um grupo de cerca de 60 manifestantes –liderados por integrantes mascarados do Movimento Anarcopunk- tentou furar o bloqueio armado pela Polícia Militar no fim da avenida Rio Branco, no centro, e invadir o Museu de Arte Moderna (MAM), sede da Cimeira, no início da noite de ontem. A operação da PM para conter o protesto foi rápida. Com o apoio de um helicóptero do Exército, cerca de 80 policiais do Batalhão de Choque, com cassetetes e escudos, impediram a passagem dos punks e sindicalistas. (...)

O grupo integrava também a manifestação contra o governo federal realizada na Cinelândia pelo Fórum de Luta por Soberania, Terra, Trabalho e Cidadania, do qual participam partidos de esquerda e entidades como CUT, MST, CNBB e UNE. (...)

Um integrante do Movimento Anarcopunk disse que pretendiam, com o ato, apenas “botar a polícia para trabalhar”.(...)¹²

A isolada frase do anarco-punk foi o bastante, segundo os critérios do jornalista, para resumir os motivos da ação dos 60 indivíduos que parecem ter tido o trabalho de acompanhar uma manifestação que unia CUT, MST, UNE contra o governo federal com o único objetivo de “botar a polícia para trabalhar”.

A partir da construção deste tipo de representação sobre os punks, que varia do “curioso” (quando eles estão quietos e não incomodam ninguém) ao “violento e sem razão” (quando expressam suas idéias ou atuam de alguma forma mais direta frente ao restante da sociedade), afirma-se, imputa-se-lhes, características que são entendidas muitas vezes como “niilistas”: eles parecem não possuir uma idéia clara do que querem, muito menos um caminho politicamente legítimo para consegui-lo; parecem viver pelo puro prazer e diversão violenta do momento, sem pensar nas conseqüências sociais de seus atos; não criam nada, apenas *destroem*. Tal é uma

¹¹ GODOY, M. Brigada dos “sem-qualquer-coisa” vai às ruas protestar contra tudo. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 26 jul. 1997. Brasil, p. 1-9.

¹² WERNECK, F. Manifestantes são detidos ao invadir museu. **Estado de São Paulo**. São Paulo. 29 jun. 1999.

imagem, talvez de forma hegemônica, construída sobre os punks e anarco-punks (uma vez que parece não haver diferenciação efetiva entre os grupos).

Sobre o próprio conceito de “niilismo”, deve-se resguardar o mesmo cuidado relativo ao entendimento dos punks e anarco-punks, que é entendê-los em sua *historicidade*, quer dizer, considerá-los em suas especificidades de acordo com suas realidades em tempo e espaço social sem tratá-los como meros “objetos” de pesquisa passivos, que poderiam ser “dissecados” em sua totalidade pelo historiador.

O niilismo, encarado como parte da problemática desta monografia, não compreende um conceito teórico previamente definido por este ou aquele filósofo, este ou aquele historiador. Também penso que não se trata de algo com uma existência puramente material, que uma simples verificação empírica da realidade concreta permita-nos apontar o “local” da sociedade onde “residem” ações ou pensamentos “niilistas”.

O niilismo é também uma construção sócio-histórica, elaborada pelos sujeitos sociais das mais diferentes formas de acordo com suas próprias realidades. Todo o entendimento dos punks construído pela imprensa como mostrado anteriormente, considerando-os de forma generalizada como “violentos”, “destruidores”, “não-políticos”, “sem reflexão sobre seu presente e sem planos para o futuro”, “caóticos” e “niilistas”, envolve uma representação social que não se desvincula de uma grande carga *política*.

Como poderá ser visto no Capítulo I, a construção imaginária —e extremamente *real*— quanto ao niilismo possui fortes ligações com idéias mais amplas que os sujeitos sociais podem elaborar quanto a *história* e a *política*.

Nesse sentido, o principal objetivo desta monografia —dentro de seus vários limites— foi tentar apontar elementos de algumas das construções imaginárias relativas ao “niilismo” em nossa sociedade contemporânea, sempre relacionando estas construções imaginárias ao pensamento político e à cultura anarco-punk.

Como uma última, mas também muito importante ressalva para esta Introdução, quero chamar a atenção para os autores com os quais teci os diálogos necessários para a construção de toda a teorização da monografia.

Uma vez que o tema e a problemática central deste trabalho (tanto relativas ao niilismo quanto aos anarco-punks) envolvem nossa contemporaneidade, o diálogo com autores que pensam e escrevem sobre nossa atualidade social foi quase natural: Eric Hobsbawn, Cornelius Castoriadis, Viviane Forrester dentre outros. Por outro lado, a questão mais diretamente ligada aos aspectos teóricos do niilismo exigiu -exigência que aceitei de bom grado- considerar as idéias também de autores do século XIX: Friedrich Nietzsche em especial e Ivan Turgueniev em menor medida.

Não se trata, porém, de “aplicar” as teorias desses autores em nossa realidade e tempo. Procurei, e espero ter sido minimamente bem sucedido nisso, não separar o pensamento desses filósofos e escritores de sua própria época e de suas próprias idéias políticas (lembro que Nietzsche, por exemplo, negava a validade de qualquer forma de socialismo ou anarquismo em seu tempo). Procurei-os como uma forma de inspiração para minhas próprias questões.

Uma breve problematização sobre as peculiaridades do “niilismo do século XIX” e o “niilismo do século XXI”, segundo os autores utilizados foi feita no Capítulo I.

Em suma, a proposta deste trabalho monográfico, como já foi explicitado, foi elencar alguns elementos da construção imaginária de nossa sociedade contemporânea sobre o conceito de “niilismo” (bem como de outras construções imaginárias que porventura se relacionem àquele, como “política”, “história”, “sujeitos sociais”). Este “niilismo” foi estudado aqui sempre como uma construção imaginária social relativa ao pensamento e à cultura anarco-punk.

CAPÍTULO I

SOBRE O NIILISMO

Será que os punks realmente buscam a pura destruição de seu meio social? São esses sujeitos históricos estéreis, perdidos em meio às incertezas e violência de seu próprio tempo, sendo capazes apenas de reproduzir mais incertezas e violência? E os punks-anarquistas? Seria possível unir esse aparente niilismo com uma proposta política de transformação social?

Como foi discutido na Introdução, a representação dos punks e anarco-punks elaboradas nos jornais, que os trata fundamentalmente como “desordeiros”, “caóticos”, “violentos” etc. não pode ser considerada como uma amostra única e essencial do pensamento e ações dos punks. Trata-se de uma construção *imaginária*, elaborada e reelaborada por alguns segmentos sociais e que não pode ser separada de seus significados e conseqüências *políticas*.

Uma vez que este trabalho baseia-se na problematização principal das *construções imaginárias sociais* quanto aos *anarco-punks* e ao *niilismo*, penso ser fundamental explicitar o que entendo pelo conceito “*imaginário*”.

Não me refiro ao conceito imaginário característico da Nova História francesa da década de 1970, de inspiração estruturalista e marcada pela longa duração (influência de Fernand Braudel). Utilizo-me do conceito imaginário em um sentido mais próximo ao dado por Cornelius Castoriadis, que é ligado intimamente às transformações constantes da história e cujo aspecto simbólico possui envolvimento indissociável da “esfera concreta” da vida social.¹

Tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgotem nele. Os atos reais, individuais ou coletivos –o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade- os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre, não diretamente) símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica.²

Os “sistemas simbólicos” que compõem a organização social não são necessariamente criados ou escolhidos de forma *racional* pelos diferentes sujeitos e segmentos sociais. Dessa forma, não há também uma fronteira definida entre as criações simbólicas, digamos, “rituais” ou

¹ Ver a crítica do autor ao estruturalismo em CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Principalmente p.166-168 e p. 205-208.

² Ibid. p. 142.

abstratas (ou, nos dizeres do marxismo ortodoxo, a “super-estrutura”) e as criações simbólicas funcionais, que atuam mais diretamente na vida social concreta (nas relações de trabalho e de propriedade, nas leis, nas relações de poder, na economia etc.)³

Uma vez criados, os sistemas simbólicos que compõem todos os aspectos da vida social são “instituídos”, ou seja, aceitos por esta mesma sociedade (ou melhor, por partes dela) como fatores necessários para a própria organização social:

As “relações sociais reais” de que se trata são sempre *instituídas*, não porque tenham uma vestimenta jurídica (elas podem muito bem não tê-las em certos casos), mas porque foram estabelecidas como maneiras de fazer universais, simbolizadas e sancionadas. Isso, é claro, também é válido, talvez mesmo sobretudo, para as “infra-estruturas”, as relações de produção.⁴

A possibilidade da elaboração humana de símbolos e redes simbólicas deve-se a sua capacidade *imaginária*, que grosso modo significa a habilidade em criar na mente algo que em algum momento se separe do “real”. *Imaginário* e *símbolo* possuem uma relação muito próxima de interdependência:

...o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para “exprimir-se”, o que é óbvio, mas para “existir”, para passar do virtual a qualquer coisa mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de “imagens” mas estas “imagens” lá estão como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica. Mas também, inversamente, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é.⁵

O imaginário liga-se, então, ao “concreto” através do simbolismo, que, como colocado por Castoriadis, permeia toda a organização e as relações sociais reais.

1- O surgimento da cultura punk e sua elaboração como “niilistas”

Voltando à construção imaginária específica sobre os punks, que os relaciona a um niilismo em um sentido extremamente negativo, de *destruição* pura de seu ambiente social, proponho-me a destacar certas características específicas de pensamento, ações e produções culturais de alguns punks do momento do surgimento desta identidade de uma forma mais clara (década de 1970).

³ Ibid. p.150.

⁴ Ibid. p.151.

São características que, eleitas por muitos como as características supostamente essenciais do punk, desde o princípio ajudaram na construção de uma elaboração imaginária deles como as representadas pela imprensa analisadas anteriormente. Elaboraões estas que parecem colocar o “caos” e a violência de suas ações sobrepujando quaisquer concepções e atitudes políticas e socialmente criativas ou positivas.

Diversos trabalhos acadêmicos, tanto na área da História como na de Sociologia e Antropologia, relacionam a conjuntura econômica, social e cultural da década de 1970 com o surgimento do punk enquanto estética (visual e musical), idéias, posturas frente à sociedade e frente a si mesmos.⁶

Todos concordam, com maior ou menor ênfase que a Inglaterra da época, Londres em especial, (e também outras regiões do mundo, principalmente em suas grandes cidades como Nova Iorque e São Paulo) passava por um período em que:

Empregos de salários decentes não estavam disponíveis e o acesso às escolas só era permitido às classes sociais privilegiadas, forçando vários jovens da classe operária a desistir da educação. Esta juventude desiludida cada vez mais numerosa vislumbrava um futuro de subsistência à custa do sistema de previdência social britânico. Os jovens perceberam que para eles não havia futuro, e por isso se revoltaram.⁷

Outro autor, Silvio Essinger, em linha semelhante, afirma que:

Londres era uma sociedade econômica e socialmente falida, com brigas de gangues e explosões de intolerância racial e social alimentadas pelo reacionarismo dos tablóides sensacionalistas. Como se não bastasse, os atentados do Exército Republicano Irlandês (IRA) punham o Reino Unido de cabelos em pé. Era um tempo de medo, de covardia e de hipocrisia. Na política, começava a ganhar vulto o fenômeno Margaret Thatcher (que lideraria a vitória dos conservadores sobre os trabalhistas em 1979), com um discurso que aliciava a classe média para as políticas de exclusão. Os jovens, normalmente inconformados, ganhavam ainda mais razões para não compactuarem com o estado de coisas.⁸

⁵ Ibid. p.154.

⁶ Ver, por exemplo: BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (5ª Edição); CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989; COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio**: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa, 2000; ESSINGER, Silvio. **Punk**: anarquia planetária e a cena brasileira. São Paulo: Editora 34, 1999; FRIEDLANDER, Paul. Punk Rock: pauleira e política de choque. In: **Rock and Roll**: uma história social. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 351-365. Um trabalho mais específico é o de JAMES, David. Poesia/Punk/Produção: alguns textos recentes em Los Angeles. In: KAPLAN, E. Ann. **O Mal-Estar no Pós-Modernismo**: teorias, práticas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 206-234.

⁷ FRIEDLANDER, Paul, op. cit. 2002. p. 354.

Outra autora, Márcia Regina da Costa, destaca o “clima social de desemprego, caos, niilismo, violência e amargura” enfrentado pelos que seriam os primeiros indivíduos e grupos que se identificavam como punks.⁹

Esta situação é freqüentemente apresentada por alguns autores como simplesmente *refletida* nas atitudes e pensamentos dos punks do momento, que parecem reproduzir perfeitamente as características da sociedade da qual faziam parte. Toda a “falência social”, “violência”, “caos”, e “niilismo” daquela conjuntura tornaram-se, aparentemente, os únicos meios pelos quais os punks conseguiam manifestar suas revoltas.

Para reforçar esta visão –não que suas afirmações seja de todo falsas, mas uma elaboração extremista pode trazer problemas para a análise histórica de reais *sujeitos* sociais– temos vários indivíduos e grupos que, por terem sido vistos como símbolos do “*ser*” punk da época, ajudaram a cristalizar até hoje tal interpretação.

Um ícone do “pré-punk” (para utilizar um conceito de Silvio Essinger), Iggy Pop, vocalista dos Stooges¹⁰:

...Iggy fez da droga um fim em si mesmo. Nada de “expandir a mente” ou de “beijar o céu”. Drogas eram diversão e ele, um *junkie* por opção. E muito mais do que para qualquer ser vivo até então, o palco era seu altar supremo da barbárie e do ultraje. Iggy pulava, rolava sobre cacos de vidro (o real masoquismo que, no Velvet¹¹, era apenas poético), suava, sangrava, babava e vomitava (literalmente) sobre a platéia.¹²

Bandas que se tornaram para muitos “marcos fundadores” do punk, também se destacavam em suas músicas por letras que explicitavam suas condições de “violentos”, “caóticos” e “sem perspectiva”. Os Ramones¹³ são um grande exemplo, com a música “Beat on the Brat”:

⁸ ESSINGER, Silvio, op. cit., 1999. p. 33.

⁹ COSTA, Márcia Regina da, op. cit., 2000. p. 33.

¹⁰ Banda norte-americana surgida no final da década de 1960, marcada pelo vocalista e “showman” Iggy Pop, cujas atitudes em palco, segundo alguns, foram de grande inspiração para o punk. Inspiração que também passou pelas letras das músicas (“No fun”, “I wanna be your dog” etc.). Os Stooges se desfizeram em 1973.

¹¹ The Velvet Underground. Banda norte-americana formada em 1963 e que tinha em Lou Reed a figura principal. Seus temas musicais (e para alguns também a sonoridade) seriam outra “influência” para o punk. A banda terminou em 1971.

¹² ESSINGER, Silvio, op. cit., p. 25

¹³ Outra banda norte-americana, surgida por volta de 1974, identificada por muitos como uma das primeiras bandas “punk” propriamente dita (pelo critério estético visual e sonoro, principalmente)

Beat on the brat/ Beat on the breat/ Beat on the brat with a baseball bat/ Oh yeah! Oh yeah! Oh, Oh!/ What can you do?/ What can you do?/With a brat like this always on your back/ What can you lose?¹⁴

E também, “Now I wanna sniff some glue”:

Now I wanna sniff some glue/ Now I wanna have somethin’ to do/ All the kids wanna sniff some glue/ All kids want somethin’ to do¹⁵

Mas certamente os representantes mais célebres eleitos pela memória geral como os “perfeitos exemplares” do início do punk da década de 70 foram os Sex Pistols¹⁶, com músicas e atitudes que pareciam destrutivas tanto para ouvintes quanto para si mesmos (lembrando da própria morte do baixista Sid Vicious por overdose de drogas e a desintegração da banda). Algumas de suas músicas também são marcantes no sentido já proposto, como “Anarchy in U.K.”

I am an antichrist/ I am an anarchist/ Don’t know what I want but I know how to get it/ I wanna destroy the passerby/ ‘Cause I wanna be anarchy/ No dog’s body/(...)¹⁷

“No Feelings”:

Seen you in the mirror when the story began/ and I fell in love with you I love your mortal sin/ Your brains are locked away but I love your company/ I only ever leave you when you got no money/ I got no emotions for anybody else/ you better understand I’m in love with myself/ my beautiful self/ I’ve no feelings for anybody else/(...)¹⁸

“God save the Queen”:

¹⁴ “Bata no pirralho/ Bata no pirralho/ Bata no pirralho com um bastão de beisebol/ O que você tem a fazer?/ O que você tem a fazer?/ Com um pirralho desses sempre no seu pé/ O que você tem a perder?” In: RAMONES. **Ramones**. Londres: Sire, 1976.

¹⁵ “Agora eu quero cheirar um pouco de cola/ Agora eu quero ter algo para fazer/ Todos os garotos querem cheirar um pouco de cola/ Todos os garotos querem algo para fazer” RAMONES, op. cit., 1976.

¹⁶ Banda inglesa “construída” em 1975 pelo empresário Malcolm McLaren. Foi uma das bandas que mais contribuíram para o estereótipo da indumentária, da atitude e da música chamada “punk”. Os Sex Pistols terminou em 1978, após o “ano de apogeu da música punk” (nos moldes destas bandas apresentadas): 1977.

¹⁷ “Eu sou um anticristo/ eu sou um anarquista/ Não sei o que quero, mas sei como conseguir/ Eu quero destruir os transeuntes/ Porque eu quero ser anarquia/ Não o cadáver de um cão” In: SEX PISTOLS. **Never mind the bollocks: here’s The Sex Pistols**. Londres: Virgin, 1977.

¹⁸ “Vendo-te no espelho quando a história começou/ e eu me apaixonei por você eu adoro seu pecado mortal/ seu cérebro não funciona, mas eu amo sua companhia/ Eu só te abandono quando você não tem dinheiro/ Eu não tenho sentimentos por mais ninguém/ você melhor você entender, estou apaixonado por mim mesmo/ meu lindo “eu”/ eu não tenho sentimentos por mais ninguém” In: SEX PISTOLS. op. cit., 1977.

(...)/When there's no future how can there be sin?/ we're the flowers in the dustbin/ we're the poison in your human machine/ we're the future/ your future/ (...)/ there's no future in England's dreaming/ No future for you/ No future for me¹⁹

E, como um último exemplo, “Bodies”:

She was a girl from Birmingham/ she just had an abortion/ she was a case of insanity/ her name was Pauline she lived in a tree/ she was a no one who kill her baby/(...)/ dragged on a table in a factory/ illegitimate place to be/ in a packet in a lavatory/ die little baby screaming!/(...)/ fuck this and fuck that/ fuck it all and fuck/ the fucking brat/ she don't wanna baby that looks like that/ I don't wanna baby that looks like that/(...)²⁰

Foram músicas que certamente auxiliaram na elaboração imaginária, por parte de muitos segmentos da sociedade, dos punks como já surgidos em meio a uma falta de perspectiva destrutiva frente à vida, instinto violento, caos, egoísmo e niilismo, como se tudo isso passasse a fazer parte de uma essência imutável de tudo o que fosse vinculado ao punk.²¹

Alguns autores enfatizam o papel dos empresários e das grandes gravadoras e distribuidoras de discos (da “indústria cultural” de uma forma geral), que se “apropriando” dessa cultura “caótica” acabaram por conduzi-la, dando um direcionamento à própria construção do punk enquanto identidade, estética e cultura como um todo.

Antonio Bivar, apesar de considerar a identidade e a cultura que surgia na Inglaterra e EUA desde o início da década de 70 como tendo uma relevância positiva para a transformação de valores daquela sociedade, concede também uma participação –ao que parece imprescindível– para o empresário Malcolm McLaren no direcionamento do que seria essa cultura.

Bivar expõe o que seria considerado como *punk* até 1973:

Punk geralmente era aquela gente que “não prestava”, criaturas marginalizadas que serviam de inspiração às letras das músicas de Lou²²: drogados, sadomasoquistas, assaltantes mirins, travestis, prostitutos adolescentes, suicidas, sonhadores(...)²³

¹⁹ Quando não há futuro como pode haver pecado?/ nós somos as flores na lata do lixo/ somos o veneno em sua máquina humana/ nós somos o futuro/ seu futuro/(...)/ não há futuro no sonho da Inglaterra/ sem futuro para você/ sem futuro para mim. In: SEX PISTOLS, op.cit., 1977.

²⁰ Ela era uma garota de Birmingham/ ela acabara de ter um aborto/ ela era um caso de insanidade/ seu nome era Pauline e ela morava em uma árvore/ ela era uma ninguém que matou seu bebê/(...)/ expulso sobre uma mesa em uma fábrica/ lugar ilegítimo para ser/ em um pacote em um lavatório/ morra bebezinho gritando!/(...)/ foda-se isso e foda-se aquilo/ foda-se isso tudo e foda-se/ o pirralho fudido/ ela não quer um bebê é o que parece/ eu não quero um bebê é o que parece. In: SEX PISTOLS, op.cit., 1977.

²¹ O livro **Mate-me por favor**: uma história sem censura do punk, dos escritores Legs McNeil e Gillian McCain (Porto Alegre: L&PM, 1997), é uma ótima composição desse tipo de visão sobre os punks “célebres” da década de 70 e 80.

²² Lou Reed, vocalista do Velvet Underground.

O termo “punk”, segundo Bivar, até então seria um “substantivo” que abrigava diferentes categorias sociais. Não havia, então, uma identidade e cultura comum, um “movimento” unitário, que se abrigava sobre o título “punk”. O autor coloca então o que considera um fator essencial para essa transformação alguns anos depois:

Pronto. Salto de 73 e diretamente do substantivo para o movimento, 1975. E quem encontro em primeiro lugar? Ora, Malcolm McLaren! Quem mais poderia ser? Ele, que depois do fim dos Sex Pistols, diria de si mesmo “o inventor do *punk*”²⁴

Certamente não se pode subestimar o papel da indústria do entretenimento frente à cultura punk daquele momento (e ainda mais hoje), porém, mais uma vez há um perigo em se considerar esse papel como *necessário e imprescindível* para transformar algo que até então era considerado puro elemento “desordenado” na sociedade, uma massa “caótica” e amorfa de violência e desespero, destruição e “niilismo” em algo minimamente “coerente”, “racional” e “construtivo” (o que se traduziria em vendas de discos, mas essa é outra discussão). Pode-se, de certa forma, acabar por adotar a própria versão de McLaren: a de que ele (e com ele toda as indústrias das mídias) foi o *criador* do punk.

Já David James possui uma abordagem diferente da relação “cultura popular”/ indústria do entretenimento. Para ele, a cultura punk fez algumas tentativas de se colocar como algo socialmente criativo fora das relações da indústria:

... a ideologia contra a hipocrisia do discurso político e evaporação da dissidência em formas acadêmicas e outras formas burguesas; os rituais contra a apropriação das relações sociais pela indústria da mídia –fez sua tentativa de se produzir, fora da indústria do entretenimento, como algo internamente lógico, e realmente permitiu sua aspiração utópica, uma das formas da qual foi a inovação de modos alternativos de produção cultural e das relações sociais concomitantes a eles.²⁵

Apesar disso, o autor considera que o potencial político do punk não era algo realmente definido (podia variar do “protofascista” ao “anarco-sindicalista”), e mesmo esse potencial foi rapidamente absorvido pela indústria da mídia.²⁶ Depois disso, o punk perdeu totalmente seu

²³ BIVAR, Antonio, 2001. op. cit, p. 40.

²⁴ BIVAR, Antonio, 2001. loc. cit.

²⁵ JAMES, David, 1993. op. cit, p. 212.

²⁶ JAMES, David, 1993. loc. cit.

caráter de combate social –fosse qual fosse-, uma vez que ele sempre possuiu apenas caráter de *negação*, não possuindo em si um caráter positivo de *criação*.

Não tendo, por definição, termos positivos, e na ausência de qualquer movimento social que fosse capaz de supri-los, o punk foi condenado, portanto, não apenas a se manifestar como um estilo, mas a se manifestar como um estilo que estaria sempre em processo de se impelir para uma paródia de si mesmo, até o ponto de se descobrir capaz apenas de imitar seus gestos anteriores.²⁷

Para manter seu exclusivo caráter de *negação*, segundo James, após ser absorvido pela indústria do entretenimento, o punk passou apenas a negar a si mesmo, como num ciclo canibalesco que não mais permitiria uma ligação com o restante da sociedade e uma *criação* de novas relações, cultura e valores para essa sociedade.

Márcia Regina da Costa, por outro lado, admite todo o envolvimento que as mídias e os interesses comerciais passaram a ter com a cultura punk,

Contudo, isso não significa que a pulverização e a massificação sejam totalmente inevitáveis. Demonstrando mais uma vez seu desenvolvimento complexo, dentro da cultura jovem, contraditoriamente, uma ala “integrada” ao consumo e outra em que a destruição o supera e que está mais próxima da violência, da agressividade, das drogas, da contestação social e política.²⁸

A autora, então, cita o processo iniciado a partir de 1981 de reação dos punks contra essa investida da indústria do entretenimento, sintetizado pelo lema “*punk not dead*”. A validade desse lema, bem como a forma e as pessoas que dele se utilizaram é algo controvertido ainda hoje para muitos punks, mas o caso é que a autora se utiliza desse movimento para demonstrar que o punk conseguia possuir seu potencial criativo, mesmo fora do paradigma único das indústrias da mídia, como afirma David James.

A violência, a agressividade e as drogas ganha um novo significado na visão desta autora –passam a revelar seu potencial criativo e político. São significados que serão melhor discutidos no Capítulo II.

É importante destacar que foi a partir deste momento em que surgiu de forma mais clara a identidade dos anarco-punks (e de diversas outras construções do punk), como afirma Márcia Regina da Costa (idem, p.66). Algum tempo antes da construção dessa identidade, porém, o

²⁷ JAMES, David, 1993. op. cit., p. 214.

²⁸ COSTA, Márcia Regina da. op. cit., p.34.

grupo inglês *Crass* já unia a política anarquista com a cultura mais especificamente punk, mesmo sem se identificar com o título de anarco-punk.

Formada em 1977, o *Crass* caracterizou-se por integrantes já com uma experiência anterior da cultura hippie, da vida em comunidade e da chamada “produção alternativa”. Logo se colocou contra o posicionamento de outras bandas punk da época frente à indústria do entretenimento (Sex Pistols, Clash etc.), montando, inclusive, uma gravadora própria para o lançamento de seus discos. O *Crass* desfez-se em 1984.²⁹

É interessante notar a ênfase que alguns anarco-punks atuais dão às ações, aos pensamentos e a própria existência do *Crass*. A memória social hegemônica não reconhece o *Crass* (ou seja, uma banda declaradamente anarquista) como também representantes do que poderíamos chamar “geração originária” do punk, fazendo-o apenas com grupos ligados à indústria do entretenimento.

Perde-se aí, talvez, uma grande oportunidade para o combate à construção imaginária, reforçada pela grande imprensa e por alguns autores, dos punks como identidade, cultura e pensamento unicamente ligados à “aspectos negativos”, à “destruição” pura; ligados unicamente às emoções (principalmente as emoções “negativas”), ao “caos” e à “imprevisibilidade”, à incapacidade de pensar racionalmente sua realidade social e de *construir* algo nela.

O anarquismo, como pensamento e ação política e *social*, requer –pelo menos em sua forma clássica- uma reflexão racional sobre a realidade histórica-social, um *projeto para o futuro*, uma ânsia de *construção* de novas relações sociais; características que entram em choque com a idéia de um niilismo como pura destruição e descontrole.

O pensamento político e a cultura anarco-punk serão melhor tratadas no Capítulo II. Neste momento, é importante tentar refletir sobre o que até agora poderia compor a idéia de “niilismo” para grande parte de nossa sociedade.

Como já foi enfatizado, o conceito de *niilismo* é uma construção imaginária histórica e social, e como tal, não deixa de possuir suas implicações e significados em diversas ações das pessoas em sua realidade social cotidiana. Este fato torna-se mais claro quando pensamos a

²⁹ Não há uma bibliografia disponível que possua grandes informações sobre o *Crass*. Por enquanto, a internet ainda é o local onde se pode encontra-las em maior quantidade, embora talvez com um risco muito grande de confiabilidade. Ver em português www.geocities.com/CapitolHill/Senate/9044 e crass77.tripod.com.br/crassrj.

construção imaginária “nihilismo” sempre necessariamente ligada às construções das idéias de *história e política*.

A elaboração de nihilismo até aqui descrita, vista através do pensamento de parcela da sociedade sobre os punks, afirma uma *negatividade* em pensamentos e ações que de alguma forma proponham uma *ruptura* com os valores, práticas e relações já instituídos na sociedade. Para esta elaboração, os valores e práticas sociais parecem poder *modificar-se* apenas dentro de uma lógica histórico-social já determinada, segura e –por que não dizer– linear. As atitudes incertas, emocionais e *caóticas* parecem ser consideradas sérias ameaças à existência da sociedade, podendo levá-la ao simples *nada*. O que não pode *ser previsto* (como, por exemplo, no temor da CUT e da PM quanto à participação dos punks nas manifestações devido às suas ações “imprevisíveis”) é algo pernicioso e que deve ser evitado.

Existe aí um tipo de autonomização da história (enquanto criação do imaginário social que parece adquirir uma vida e poder de decisão próprios) em detrimento da autonomia de ação e escolha dos sujeitos que a constroem.

Hannah Arendt aponta esta como sendo uma das principais características da *compreensão* da *história* construída durante o período moderno europeu (séculos XVI e XVII), mas que em grande medida ainda é válida para nossa sociedade de hoje.

Naquele período, iniciava a compreensão da história humana como um *processo*. Processo este que se liga diretamente à *ação humana*. A história vista como processo indicou um rompimento com a compreensão da história cíclica e causada pela atuação divina, característica do pensamento feudal.³⁰

Arendt afirma que toda a *ação* social humana possui como princípio uma certa “imprevisibilidade” em seus resultados, não gerando um “produto” identificável, único e acabado:

A ação (...) é em si e por si absolutamente fútil; nunca deixa um produto final atrás de si. Se chega a ter quaisquer conseqüências, estas consistem, em princípio, em uma nova e interminável cadeia de acontecimentos cujo resultado final o ator é absolutamente incapaz de conhecer ou controlar de antemão.³¹

³⁰ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.84-95.

³¹ ARENDT, Hannah. op. cit. p. 91.

Porém, a autora afirma que a consideração da história como uma “cadeia de acontecimentos” (processo), apesar de sua inicial liberdade humana decorrente da imprevisibilidade de suas ações –não há mais uma força Divina que comanda a história- acabou gerando, para alguns filósofos, um caráter de supressão da importância das ações particulares na história:

Para nossa moderna maneira de pensar nada é significativo em si e por si mesmo, nem mesmo a história e a natureza tomadas cada uma como um todo, e tampouco, decerto, ocorrências particulares na ordem física ou eventos históricos específicos. Há uma fatídica monstruosidade nesse estado de coisas. Processos invisíveis engolfaram todas as coisas tangíveis e todas as entidades individuais visíveis para nós, degradando-as a funções de um processo global.³²

O “todo”, o “processo global” adquire, assim, um certo tipo de *autonomia* frente ao poder de decisão e ação dos sujeitos históricos que o iniciaram. O criador passa a ser dominado por sua criatura.

Hannah Arendt aponta Hegel como o grande representante desta elaboração da História³³, e Marx como um de seus grandes herdeiros:

O ponto essencial é que a Filosofia Política de Marx não se baseava sobre uma análise de homens em ação, mas ao contrário, na preocupação hegeliana com a História³⁴

A compreensão do processo histórico por Marx (e Hegel) acabaram por cair na “antiga tentativa de escapar às frustrações e à fragilidade da ação humana...”.³⁵ A imprevisibilidade desta ação foi substituída pela “*fabricação*” da História, o que permitiu compreendê-la como um processo comparável à produção fabril; algo que gera um *produto*, bem *definido e acabado* através de um processo linear e progressivo. Este processo significa

...o de fazer algo que possui um início bem como um fim, cujas leis de movimento podem portanto ser determinadas (por exemplo, como movimento dialético) e cujo conteúdo mais profundo pode ser descoberto (por exemplo, a luta de classes) (...) eventos, feitos e sofrimentos isolados não possuem mais sentido do que martelo e pregos em relação à mesa concluída.³⁶

³² ARENDT, Hannah. op. cit. p. 95-96.

³³ “História” com letra maiúscula, representando toda a força e autonomia que a abstração adquiriu, para Hegel, frente a realidade concreta da sociedade.

³⁴ ARENDT, Hannah. op. cit. p. 112.

³⁵ ARENDT, Hannah. op. cit. p.114.

³⁶ ARENDT, Hannah. op. cit. p.114-115.

Qualquer atuação de sujeitos sociais que porventura não se encaixe na compreensão do caminhar já “descoberto” da História, em suas *leis*, corre o sério risco de ser considerada como algo que *desvirtua* o processo e a evolução da sociedade. São sujeitos que atuam apenas na *destruição* de toda a História (e sociedade).

É uma visão extremista, no sentido de que qualquer atitude de *negação*, de *rompimento*, de *indeterminação* é considerada como *nociva* à sociedade, invariavelmente incapaz de construir algo novo; por esses meios seria possível apenas *destruir* totalmente tudo o que já foi construído até aqui.

Os punks e anarco-punks, “niilistas” segundo esta elaboração, caóticos, emotivos, violentos e destruidores caso não sejam “domados” por uma força racional que os coloque nos trilhos do caminhar evolutivo da sociedade –e o que melhor para fazê-lo que a indústria do consumo?-, são realmente arautos da barbárie, do *nada*. É como se os frágeis nervos de nossa *História* não suportassem o menor ruído, pois qualquer emoção mais intensa poderia fazê-la descompassar seus passos lentos, mas seguros; poderia ser um susto tão grande que nossa pobre História não suportaria e pereceria.

2- Uma outra possibilidade de elaboração imaginária quanto ao niilismo e nossa contemporaneidade

É interessante como a idéia de niilismo, relacionada por muitos ao pensamento e as ações dos punks e anarco-punks, aproxima-se do que Ivan Turgueniev apresentou em seu romance “Pais e Filhos” como a visão que os pais tinham dos jovens russos daquele momento (segunda metade do século XIX):

-Como? –perguntou Nicolau Pietróvitch [pai], enquanto Páviel Pietróvitch [tio] erguia a faca com um pouco de manteiga na ponta.

-Ele é niilista –repetiu Arcádio [filho, referindo-se a seu amigo Bazárov].

-Niilista –disse Nicolau Pietróvitch –vem do latim, *nihil*, e significa “nada”, segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que ...em nada crê ou nada reconhece?

-Pode dizer: o homem que nada respeita –explicou Páviel Pietróvitch, voltando novamente sua atenção para a manteiga.³⁷

³⁷ TURGUENIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 28

Chamo de interessante a relação histórica que pode ser feita quanto a um conceito (niilismo) utilizado em dois momentos históricos e sociais distintos: o Brasil do século XXI e a Rússia czarista de meados/final do século XIX.

O niilismo é uma construção imaginária com significados próprios para cada uma destas realidades tão diversas, mas o fato de ser utilizada em ambas as situações para representar pensamentos e atitudes da juventude, *vistos como algo socialmente negativo*, é algo a se destacar. Em ambos os casos temos realidades históricas que enfrentam transformações sociais muito grandes (uma, as mazelas trazidas pela “modernidade”, outra, as promessas de desenvolvimento futuro feitas por esta mesma modernidade) e também uma juventude que se porta como *revolucionária* em termos culturais, ideológicos e de comportamento social em geral.

As relações históricas entre estas duas realidades sociais serão retomadas mais adiante para o auxílio no estudo mais teórico sobre a elaboração imaginária do niilismo contemporâneo. No momento, proponho um retorno um pouco mais aprofundado sobre a realidade social da época do surgimento e desenvolvimento da cultura punk e anarco-punk e de sua identificação por muitos como *niilistas*: o que poderia significar, em termos de pensamento social, esta classificação dos punks e anarco-punks como niilistas?

Falar em niilismo ou mesmo em “nada” (em um sentido de *destruição* das *relações sociais humanas*, da chegada a uma “barbárie”), envolve construção e reconstrução das diferentes elaborações imaginárias que os grupos sociais podem fazer quanto a *história* e a *política*; ambas compreendidas de uma forma inevitavelmente inter-relacionadas.

História é entendida aqui como um *sentido*, uma *compreensão* de como nossa *sociedade* (seus valores, culturas, organizações etc.) *modifica-se* ou “*estabiliza-se*” *ao longo do tempo*. Política, entendida como o *sentido* ou a *compreensão* de qual é o *papel* e a *possibilidade* de *cada membro ou grupo dessa sociedade* em *atuar* nessas modificações ou permanências.

Envolvem, em suma, a idéia de como os *sujeitos sociais* podem *atuar* na *história* para modificá-la e construí-la.

Como já foi colocado anteriormente (p.22-24), esta elaboração específica do niilismo parece envolver uma certa aversão a pensamentos e ações que se liguem a uma *ruptura* mais brusca com os padrões sociais. As rupturas, nesta elaboração de niilismo, parecem serem levadas sempre ao extremo da *destruição* completa: as únicas modificações sociais consideradas

“positivas” (e atuações dos sujeitos sociais que lutam por elas) parecem ocorrer efetivamente apenas quando um caminho linear e “seguro” do processo histórico é seguido.

Em termos políticos, pensa-se a atuação dos sujeitos sociais como válidas somente quando estas se enquadram em padrões já estabelecidos, muitas vezes pelo Estado, mas também por outras instituições, de lutas que permitam promover transformações sociais. Certamente há aí uma *limitação* nas ações desses sujeitos sociais; limitações não só *impostas* por instituições concretas da sociedade, mas *construídas* em conjunto com estes sujeitos através de suas elaborações imaginárias, como as relativas ao niilismo.

Penso ser possível apresentar uma outra construção da idéia de niilismo, também válida para nossa sociedade, mas que difere em alguns aspectos desta até aqui demonstrada.

Proponho-me a iniciar esse raciocínio ainda a partir de alguns aspectos da realidade histórica e social enfrentada por aqueles que construíram e constróem a cultura punk, desta vez aproximando-me mais da cultura anarco-punk e movido pela pergunta já formulada anteriormente: seria possível unir pensamentos e ações niilistas (no sentido até aqui exposto) e as propostas políticas de transformação social do anarquismo (de um tipo de anarquismo-socialista)?

A Inglaterra e os Estados Unidos da década de 70, iniciavam o período que Eric Hobsbawm chamou “Décadas de Crise”³⁸ (1970, 80, 90 e, poderíamos ainda acrescentar, nossos quatro anos da primeira década de 2000). Crise que encerrou a “Era de Ouro” do capitalismo do pós-II Guerra e que possuiu uma característica própria, diferente da maior parte das “crises” econômicas anteriores:

O que tornava os problemas econômicos das Décadas de Crise extraordinariamente perturbadores, e socialmente subversivos, era que as flutuações conjecturais coincidiam com convulsões estruturais. (...) A tendência geral da industrialização foi substituir a capacidade humana pela capacidade das máquinas, o trabalho humano por forças mecânicas, jogando com isso pessoas para fora dos empregos.(...) Os empregos perdidos nos maus tempos não retornariam quando os tempos melhoravam: não voltariam mais.³⁹

³⁸ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 393-420.

³⁹ Ibid. p. 402-403.

Os problemas “momentâneos” da economia, como a crise do preço do petróleo e da perda de lucratividade das empresas surgidos a partir da década de 70, foram acompanhados por mudanças mais drásticas e de certa maneira “permanentes” nas sociedades industrializadas ocidentais: a tecnologia empregada de forma cada vez mais intensa em diversos setores produtivos eliminava de forma definitiva postos de trabalho. Nas crises anteriores, como também chama a atenção Hobsbawm, era possível esperar a substituição dos locais de trabalho eliminados por outros em setores diversos da economia.⁴⁰

Certamente grande parte dessas transformações permanentes na economia foram frutos de projetos e conflitos políticos envolvendo a atuação de diversos segmentos das sociedades, não se tratou de uma situação surgida de forma inevitável e de forma alheia a qualquer vontade humana. Todo o projeto político do chamado neoliberalismo (re)nasceu nessa mesma época e também deu origem à estas transformações, como decisões e conflitos envolvendo sujeitos reais.⁴¹

A situação analisada por Hobsbawm, para a visão específica desta monografia, talvez possa ser melhor compreendida em seus aspectos mais amplos da sociedade se nos atentarmos ao conceito “crise” utilizado por esse autor e que Cornelius Castoriadis diz não ser muito apropriado para descrever nossa realidade.

Castoriadis, primeiramente, chama a atenção –como Hobsbawm- para as transformações de caráter permanente da economia capitalista atual (atualidade entendida como o período que vai da década de 1970 até o início da década de 2000):

Por quanto tempo o sistema poderá fazer frente à subida contínua do número de desempregados e à estagnação do nível de vida daqueles que trabalham? Os bolsões de pobreza e de miséria relativa (e por vezes absoluta) nos países industriais, cujo peso era, até aqui, atenuado pela expansão geral e pelas antecipações concomitantes (...) transformam-se em bolsões permanentes e cada vez maiores de gente sem recursos e sem esperança.⁴²

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric, 2001. loc. cit.

⁴¹ Na Inglaterra o conjunto de medidas econômicas, políticas e sociais que compunham o “neoliberalismo” iniciaram-se com o governo Thatcher, a partir de 1979; nos EUA junto ao governo Reagan em 1980. No Brasil tais projetos seriam “propostos” a partir da década de 90. Ver ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (orgs) **Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 9-23.

⁴² CASTORIADIS, Cornelius. A crise das sociedades ocidentais. In: _____. **As encruzilhadas do Labirinto: a ascensão da insignificância** (vol.IV). São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 12.

Juntamente com as transformações econômicas, há também rupturas profundas com os paradigmas anteriormente válidos quanto aos valores éticos e de comportamento na sociedade, das relações familiares, da educação, da cultura em geral. Não há mais “papéis sociais” seguros e permanentes frente aos quais as pessoas podem se espelhar:

A crise da família contemporânea não consiste somente, e nem em grande medida, em sua fragilidade estatística. O que está em causa é a degradação e a desintegração dos papéis tradicionais –homem, mulher, pais, filhos- e sua consequência: *a desorientação informe* das novas gerações.⁴³

Na educação, prossegue este autor:

...a mais flagrante e perturbadora manifestação da crise do sistema educativo, aquela que ninguém ousa sequer mencionar. Nem alunos nem professores se interessam mais pelo que se passa na escola enquanto tal, a educação não é mais *investida* como educação pelos participantes. Ela se tornou um penoso ganha pão para os educadores, uma imposição tediosa para os alunos –para quem ela deixou de ser a única abertura extrafamiliar- (...). Em geral, trata-se de obter um “papel” que permita exercer um ofício (caso se encontre trabalho).⁴⁴

O problema em si, para Castoriadis, não são as transformações de modo geral, apesar dessas mudanças específicas representarem uma degradação para a vida de muitas pessoas; o maior problema é que grande parte dos segmentos das sociedades não estão conseguindo atuar politicamente e de forma efetiva frente a essas mudanças, seja para combatê-las ou mesmo construir algo de positivo sobre elas de forma *autônoma*.

Não está existindo a possibilidade de *superação* dos problemas sociais, e esta possibilidade de superação seria uma característica inerente do conceito “crise”, conforme explica Castoriadis (utilizando-se de um conceito de Husserl):

...não estamos vivendo hoje uma *krisis* no verdadeiro sentido do termo, ou seja, um momento de decisão. (Nos textos hipocráticos, a *krisis*, a crise de uma doença, é o momento paroxístico ao final do qual o doente morre ou então, por uma reação salutar provocada pela própria crise, inicia seu processo de cura). Estamos vivendo uma fase de decomposição. Numa crise há elementos opostos que se combatem –ao passo que o que justamente caracteriza a sociedade contemporânea é o desaparecimento do conflito social e político.⁴⁵

⁴³ CASTORIADIS, Cornelius, 2002. op. cit. p.17.

⁴⁴ CASTORIADIS, Cornelius, 2002. op. cit. p.18. Sobre as transformações de valores ver também MAFFESOLI, Michel. A ética pós-moderna. In: **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 17, n.1, p. 194-202, jan/dez., 1991.

Há, para o autor, há *decomposição* uma vez que os “anticorpos” sociais não estão atuando (quer dizer, uma oposição social que se coloque como combatente efetiva contra decisões políticas que estão sendo tomadas de forma desfavorável à maioria da população mundial). A decomposição social, o declínio “permanente”, existe, dessa forma, pela dificuldade encontrada pelos sujeitos sociais em atuarem *por si*, ou seja, de forma *autônoma*, politicamente. Eles se vêem incapazes de *modificar* o que já está em curso em sua sociedade como se esta lhes fosse algo exterior.⁴⁶

Viviane Forrester⁴⁷ ajuda-nos a pensar estas mesmas questões de forma ainda mais próxima da problemática do niilismo. Para a autora -e isso também já foi demonstrado pelos autores anteriores- o principal paradigma capitalista rompido nas últimas décadas foi o paradigma do *trabalho* como mola propulsora principal de criação das grandes riquezas:

...as empresas não dão emprego pela simples e excelente razão de que elas não têm necessidade(...). O emprego tão decantado, invocado, embalado por tantos encantos é considerado por aqueles que poderiam distribuí-lo um fator arcaico, praticamente inútil, fontes de prejuízos, de déficits financeiros. A supressão de empregos tornou-se um dos modos de administração mais em voga, a variável de ajuste mais segura, uma fonte prioritária de economias, um agente essencial do lucro.⁴⁸

Forrester aponta que passa a predominar na economia mundial a produção cada vez maior de riquezas através de “especulações totalmente abstratas” com vínculos cada vez mais frágeis com a produção concreta.⁴⁹ Por consequência o próprio desemprego em massa não poderia mais ser considerado uma *anomalia*, ou uma crise passageira em nossa sociedade, mas sim uma nova normalidade, uma nova regra. Os *excluídos* não mais seriam exatamente excluídos, pois se tornaram a base de um novo paradigma de toda organização social.⁵⁰

⁴⁵ CASTORIADIS, Cornelius. A ascensão da insignificância. In: _____. **As encruzilhadas do Labirinto: a ascensão da insignificância** (vol.IV). São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.104.

⁴⁶ Ver principalmente CASTORIADIS, Cornelius. Poder, política e autonomia. In: **As encruzilhadas do Labirinto: o mundo fragmentado** (vol.III). São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 121-149.

⁴⁷ FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

⁴⁸ Ibid. p. 85-86.

⁴⁹ FORRESTER, Viviane, 1997. loc.cit. Ver também KURZ, Robert. A crise do sistema mundial produtor de mercadorias In: _____. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.198-222, onde o autor analisa tais modificações no âmbito do comércio internacional.

⁵⁰ A esse respeito ver também MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002, principalmente a Introdução e o Capítulo I.

Para Forrester, o problema dessa nova reorganização capitalista é ampliado pelo fato de que a maior parte das pessoas, da “antiga” classe trabalhadora inclusive, não consegue ou nega-se a enxergar a nova ordem:

Quando tomaremos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutação? Não mutação de uma sociedade, mas mutação brutal de uma civilização? Participamos de uma nova era, sem conseguir observá-la. Sem admitir e nem sequer perceber que a anterior desapareceu. Portanto, não podendo enterrá-la, passamos dias a mumificá-la, a considerá-la atual e em atividade, respeitando os rituais de uma dinâmica ausente.⁵¹

Por não considerarem a existência de uma nova organização econômica e social, os “extrabalhadores” tomam para si mesmos a *culpa* por suas situações de desempregados. Envergonham-se e culpam-se por sua aparente incapacidade de incluírem-se na ordem social.⁵² Esta vergonha ajuda a conduzi-los a um certo imobilismo e indiferença política; parece restar-lhes apenas

...um futuro vazio, no qual tudo o que a sociedade dispõe de positivo (ou que ela dá como tal) parece que foi sistematicamente suprimido de antemão. Que podem eles esperar do futuro? Como será sua velhice, se chegarem lá?⁵³

Para Forrester parece existir algo semelhante ao “desaparecimento do conflito social e político” de Castoriadis. Há para ambos um certo grau de domínio da situação histórica e social em detrimento da capacidade das pessoas em atuarem politicamente na transformação de suas vidas, em construírem, como sujeitos sociais e históricos ativos, uma nova possibilidade de organização social.

Retornamos, então, novamente ao problema do domínio do processo histórico sobre a ação dos sujeitos sociais: mesmo frente às grandes transformações econômicas, sociais e culturais de nossa sociedade, que significam freqüentemente perda de qualidade de vida para muitos, os autores acreditam que não há uma reação de muitos segmentos sociais no que se refere a ações *políticas* que demonstrem uma reação (em um nível consciente e organizacional) a tal situação.

Predomina uma apatia política –pelo menos relativa a ações políticas consideradas efetivas-, em segmentos sociais considerados antes “ativos”, como estudantes, sindicalistas,

⁵¹ FORRESTER, Viviane, op. cit. p.8.

⁵² FORRESTER, Viviane, op. cit. p.12.

partidos de esquerda etc. Estes segmentos, e vários outros, parecem colocar-se como incapazes de atuarem para a transformação de suas próprias vidas.

Aparentemente há um “respeito” à linearidade do “progresso” neoliberal, à política estatal tradicional (que perdeu credibilidade, mas não o poder) e à “ordem” social. Parece predominar, em suma, um “respeito” e temor à História (aquela com letra maiúscula).

Neste momento desejo, a partir destes elementos relativos à nossa contemporaneidade social, tentar discutir uma outra idéia possível e válida para nossa realidade social referente ao niilismo. Esta idéia difere daquela primeira discutida, que identifica niilismo com a *ruptura* histórica, com a indeterminação, com a “violência”, o “caos” e demais atributos muitas vezes associados ao pensamento e as ações dos punks e anarco-punks.

Considerando o que foi analisado até aqui sobre o falta de iniciativas políticas em nossa sociedade, sobre a elaboração de muitos segmentos sociais como *incapazes* de atuar para transformarem sua vida e meio social, sobre o domínio imaginário da História linear e progressiva, quase uma entidade viva que impõe sua vontade sobre as pessoas, proponho lermos novamente um trecho de “Pais e Filhos” de Turgueniev. Desta vez atentando para estas mesmas características, descritas neste parágrafo, em parte visíveis na fala dos “Pais”, que anteriormente (p.24) descreveram sua idéia de niilismo ao referirem-se aos jovens:

-O aristocratismo, o liberalismo, o progresso, os princípios! –disse Bazárov. –Quantas palavras estranhas e inúteis! O russo não precisa delas.
 -De que precisa o russo? Se dermos crédito às suas palavras, estamos deslocados da humanidade e fora das suas leis. Perdoe-me, mas a lógica da História exige...
 -De que nos serve essa lógica? Passamos muito bem sem ela.
 -Como?
 -Facilmente. Acho que o senhor não precisa de lógica para pôr um pedaço de pão na boca quando tem fome. De que nos servem essas dilações?⁵⁴

Como já foi apontado anteriormente trata-se de uma realidade histórico-social diversa da nossa, mas alguns elementos deste imaginário social do século XIX relativos ao niilismo podem auxiliar-nos a refletir sobre nossa própria realidade histórica. O diálogo com Nietzsche, filósofo do século XIX que pensou sua própria realidade social e humana através do conceito teórico de niilismo, é fundamental neste sentido.

⁵³ Ibid. p. 58.

⁵⁴ TURGUENIEV, Ivan, 1981. op. cit., p.59.

A história está presente em todo o momento no pensamento filosófico de Nietzsche, de modo que suas idéias relativas ao niilismo só podem ser bem entendidas se for considerada a crítica do filósofo sobre as construções historiográficas hegemônicas na Europa de seu tempo (segunda metade do século XIX).

A história a que Nietzsche freqüentemente se refere e critica em seus trabalhos⁵⁵ é a construção historiográfica dominante em grande parte da Europa de seu tempo: a história que se quer como *ciência* nos moldes das ciências naturais, e mais do que isso, uma história que se quer uma “ciência do devir universal”.⁵⁶ Ou seja, o historicismo alemão, representado para nós pela figura principal de Leopold von Ranke, e a história de influência hegeliana.

Trata-se, em ambos os casos, da construção imaginária de um tipo de história que, na visão de Nietzsche, acabava se colocando acima do próprio poder de decisão e ação humanos em suas vidas.

Este modo de pensar habituou os alemães a falar do “processo universal” e a justificar seu próprio tempo como resultado necessário desse processo; como consequência, instalou a história no lugar de todas as outras forças espirituais, arte e religião, como senhora exclusiva, na medida em que ela é “a idéia que se realiza por si”...⁵⁷

Esta história busca um acúmulo de fatos “objetivamente” selecionados e colocados rapidamente à disposição dos eruditos⁵⁸, mas cujo vazio de significado e cujo determinismo faz com que ela não seja mais que uma “teologia camuflada”.⁵⁹ É uma história cujo saber é uma simples *abstração metafísica*, sem haver a possibilidade de ser feita uma correspondência de seus “ensinamentos” com a realidade conflituosa e em constante mudança da vida presente. Essa história não passa de “um saber que não se transforma em vida.”⁶⁰

Percebe-se aí mais uma idéia importante que ajuda a compor o pensamento de Nietzsche quanto ao niilismo: para ele há uma clara *oposição* entre *história* e *vida* (distinção um tanto incomum para grande parte de nossa historiografia contemporânea).

⁵⁵ Ver principalmente NIETZSCH, Friedrich. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In: _____. **Considerações Intempestivas**. Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1976.

⁵⁶ NIETZSCHE., Friedrich, 1976, op. cit. p. 134.

⁵⁷ Ibid., p. 177.

⁵⁸ “Ainda a guerra não terminou e já se transformou cem mil vezes em papel impresso, já foi ofertada ao palácio insensível dos amadores de história como a mais moderna especiaria.” Ibid., p. 144.

⁵⁹ Ibid., p. 174.

⁶⁰ Ibid., p. 145.

Vida é entendida como a construção individual e social da existência *presente* que permita o desenvolvimento humano. Por outro lado, a *história* é vista como uma abstração que muitas vezes não possui correspondência com a realidade presente dos homens, pois, para Nietzsche, a história parece se referir quase exclusivamente à percepção humana de uma *continuidade* entre os eventos do passado e deles com o presente. Falar em história, novamente, é falar em *devenir*.⁶¹

O que poderia significar niilismo para o pensamento nitzschiano (em seus elementos mais próximos das problemáticas desta monografia)?

Para o filósofo, o niilismo assume uma grande diversidade de significações, variando entre uma característica *negativa* da “decadência” dos seres humanos de seu tempo e um valor *positivo* de alguns indivíduos que indicaria, pelo contrário, a possibilidade do rompimento e de superação daquela situação humana.⁶² Sem dúvida há uma estreita relação entre esses aparentemente diferentes sentidos, mas para a problemática específica desta monografia quero chamar a atenção para o “niilismo negativo”, ao qual o filósofo dedica-se de forma mais intensa em suas obras.⁶³

Há um grande perigo que a *continuidade* do pensamento histórico (poderíamos lembrar do *processo* de Hannah Arendt) leve as pessoas a um imobilismo individual e social ao deixar-se de lado a própria capacidade humana de *criar* sua vida presente. Esta é uma característica do que Nietzsche chama de “niilismo”:

A pergunta do niilismo “para quê?” vem do uso, até hoje dominante, graças ao qual o fim parecia fixado, dado, exigido de fora —quer dizer, por alguma *autoridade suprahumana*. Quando desaprenderam a crer nessa autoridade [Nietzsche refere-se à religião], procuraram, segundo uso antigo, *outra* que soubesse falar a linguagem *absoluta* e *ordenar* desígnios e encargos. (...) Ou então é a autoridade da razão.(...) Ou ainda a *história* com seu espírito imanente, que tem o seu fim em si própria, e à qual *podem confiadamente se entregar*. Desejariam desviar o querer, a vontade de um objetivo, o risco que poderiam correr ao marcar uma finalidade para si mesmos; desejariam desobrigar-se da responsabilidade (*aceitariam o fatalismo*).⁶⁴

⁶¹ NIETZSCHE., Friedrich, op. cit. Ver principalmente p. 143-150.

⁶² Quanto a essas diferenciações, ver principalmente a obra **Vontade de Potência** de Nietzsche (Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.).

⁶³ Ver, por exemplo, NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Cia das Letras, 1998 e NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, s/d.

⁶⁴ NIETZSCH, Friedrich. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In: _____. **Considerações Intempestivas**. Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1976. p. 87.

O niilista não conseguiria *agir* sobre sua própria vida *presente*. Ele iria sempre “involuntariamente procurar conselho junto da história acerca de sua maneira de sentir, perguntando-se a todo o momento, ‘Que é que eu devo sentir agora?’”⁶⁵ Cairia no *fatalismo*, na aceitação das situações colocadas pela sociedade (como se esta fosse uma força *suprahumana* intocável e não justamente uma *criação* humana).

Niilismo, nesse sentido, ligar-se-ia à incapacidade de criar o *novo*, o necessário para a composição de sua vida em seu próprio tempo, que, afinal, é uma realidade diversa daquela que foi o passado ao qual aquele homem ainda estaria ligado em sua consciência.

Não se trata, porém, de declarar a história como algo essencialmente nocivo e inútil para a vida; é justamente a capacidade humana de *lembrar-se* de seu passado que ajuda os seres humanos a distinguirem-se dos animais.⁶⁶ Porém, essa percepção humana da continuidade do passado deve ser utilizada, ser dominada, pela vida presente dos homens, nunca o contrário.

Niilistas são aqueles que se deixam dominar pela continuidade, sendo incapazes de *criar* suas vidas; dessa forma eles estariam negando a vida, que essencialmente necessita de uma criação constante.

Para que essa percepção humana da continuidade histórica do passado –chamada por Nietzsche em outra obra também de “memória”⁶⁷ - tenha uma ligação positiva com a vida, para que esta se sobreponha àquela, é necessário haver constantes *rupturas* com a continuidade histórica. São necessários momentos de esquecimento, momentos em que os homens rompem com seu passado para construírem algo novo em sua vida presente. “... não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento.”⁶⁸

O niilista é aquele que não entra em conflito com a continuidade histórica social, que não se “esquece” das tradições e costumes por tratá-las como algo suprahumano e, portanto, fora de seu alcance. Ele, dessa forma, não pode ter esperanças em mudanças para o futuro, pois não consegue atuar em seu presente. É levado pelo fatalismo e imobilismo. Nega, por isso, a vida e anseia ao *nada*.⁶⁹

⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich, 1976. op.cit., p. 148.

⁶⁶ NIETZSCHE, Friedrich, 1976. op.cit., p.106.

⁶⁷ Ver principalmente p. 47-52 da Segunda Dissertação: “Culpa”, “má consciência” e coisas afins In: NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo:Cia das Letras, 1998.

⁶⁸ Ibid., p. 47-48.

⁶⁹ “Um homem que fosse incapaz de esquecer e que fosse condenado a ver permanentemente um devir; deixaria de acreditar em si, veria dissolver-se tudo numa infinidade de pontos móveis e acabaria por perder-se na torrente do

Através do pensamento de Nietzsche ao pensar novamente o exemplo retirado do romance de Turgueniev, poderíamos representar agora como niilistas a geração mais velha dos Pietróvitch, respeitosa ao “liberalismo”, ao “progresso” e temerosa frente à “lógica da História”. Limitada em relação à criação de novas alternativas de vida frente a uma sociedade que se transformava.

Certamente não se pode transferir este raciocínio mecanicamente para nossa própria sociedade, pois, como já destacado, trata-se de realidades sociais e históricas diferentes, cada uma com uma organização social particular e enfrentando dinâmicas particulares.

Enquanto nossa sociedade em grande parte sofre os efeitos negativos da implantação massiva da tecnologia produtiva (o chamado desemprego estrutural) e da aparente falta de perspectiva de transformações significativas na política e sociedade, na Rússia do século XIX, a sociedade enfrentava os primeiros efeitos das tentativas governamentais de “modernização” tecnológica e produtiva e da forte influência das “inovadoras” idéias da Europa ocidental (relativas à ciência, à cultura, à liberdade e à “modernidade” de forma geral).

Não se poderia falar naquele momento em uma falta de esperança nas transformações sociais e apatia política como para nós hoje, mas uma comparação mais séria dessas duas realidades históricas e de suas construções imaginárias sociais e políticas necessitaria de uma pesquisa mais específica. Neste momento, desejo apenas sintetizar alguns dos elementos teóricos e históricos discutidos até aqui que nos permitem refletir sobre nossa própria contemporaneidade:

Penso haver, então, a possibilidade da construção de uma idéia de niilismo em nossa contemporaneidade diferente daquela elaboração imaginária apresentada na parte 2 deste capítulo, que se refere ao niilismo como significando a *negatividade* de todo e qualquer pensamento e ações que defendam rupturas com a organização social já instituída, a necessidade de se defender uma “racionalidade”, “ordem” e “previsibilidade” em todas as lutas políticas de qualquer segmento social, o repúdio a qualquer ato que se mostre “violento” ou que ameace a linearidade e progressividade do “processo Histórico”, que, considera-se, leva ao aparente

devir. *Finalmente*, como verdadeiro discípulo de Heráclito, *não ousaria sequer mexer um dedo.*” NIETZSCHE, Friedrich, 1976. op. cit., p. 107 (destaque meu).

desenvolvimento social –todas essas características identificadas no pensamento e ações de grupos e indivíduos punks e anarco-punks.

Levando em consideração os apontamentos de Hobsbawm, Castoriadis e Viviane Forrester quanto às modificações “estruturais” ou “permanentes” do capitalismo atual, o certo grau de apatia ou dificuldade de atuação política em nossa sociedade destacada por esses dois últimos autores e as idéias de Hannah Arendt quanto ao domínio do processo histórico e as reflexões de Nietzsche quanto ao niilismo negativo, relacionado aos homens que são “levados” por forças suprahumanas –a História inclusive-, pode ser possível entender niilismo como algo quase oposto à idéia inicial.

O que poderia conduzir parte ou toda nossa sociedade ao *nada*, à destruição pura e total da vida social humana –levando em conta também todo o grau de incerteza que envolve o domínio tecnológico possuído por poucos e utilizado de forma tão agressiva contra humanos e natureza- não são sujeitos e atos que se utilizam do conflito, do choque, da ruptura, da negação etc. em seus atos políticos, mas justamente os que os *negam* de forma quase *total*.

Aqueles que entendem ser possível acompanhar uma linearidade, uma continuidade e uma ordem *absolutas* na sociedade, em nosso tempo histórico e em nossa sociedade específicos, poderiam estar se condenando ao fatalismo, ao imobilismo, à falta de esperança e de vislumbre da possibilidade de atuar como um sujeito político, criador e autônomo. Seria levado pela “onda” da história construída pelos segmentos dominantes –segmentos cada vez mais restritos- da sociedade.

Qualquer elaboração relativa ao niilismo é construída com destaque aos modos como diferentes segmentos de nossa sociedade compreendem e elaboram a história, os conflitos sociais, a capacidade de atuação dos sujeitos na construção de seu presente social. Envolvem a compreensão de *política*, enfim, e da busca por uma autonomia política dos sujeitos sociais, tanto em termos “concretos” quanto imaginários, uma vez que a realidade social e histórica não é composta por um único destes elementos isolados.

O niilismo, entendido desta forma, seria uma elaboração imaginária que ajudaria a *impedir* que indivíduos e grupos sociais considerem-se e coloquem-se como capazes de *construir* sua própria história, seu presente e suas vidas.

CAPÍTULO II

SOBRE O PENSAMENTO E A CULTURA ANARCO-PUNK

Considerando a construção teórica quanto ao niilismo discutida no final do capítulo anterior, ou seja, o niilismo considerado como uma elaboração social imaginária que coloca a suposta linearidade e lógica da História como algo insuperável pela ação humana, a impossibilidade de intervenções políticas dos sujeitos sociais em sua realidade presente e a organização social atual como a única situação possível, seria possível entender os anarco-punks como niilistas?

A cultura e pensamento dos anarco-punks, provenientes da união da teoria e prática política anarquista e da cultura punk, significariam algo socialmente estéril em termos de capacidade de *ação* política e *criação* de novas práticas sociais?

Mais uma vez, o pensamento e a cultura dos anarco-punks são colocados aqui como uma *opção* de análise de nossa sociedade atual (opção escolhida dentre inúmeras outras possíveis). Não se trata de considerá-los como uma identidade social privilegiada, que poderia responder a todas as questões propostas por nossa política atual ou indicar um caminho frente ao “niilismo contemporâneo”.

A maior questão seria se nossa contemporaneidade teria ainda alguma brecha em meio a aparente impenetrabilidade de sua muralha de efemeridade, apatia e falta de esperança pela qual seria possível brotar alguma tentativa de alternativa a este niilismo.

Uma outra ressalva importante é que de forma alguma são os punks-anarquistas os únicos segmentos da cultura e identidade punk que agem e se colocam como agentes políticos (explicitamente ou não). Novamente trata-se apenas de uma escolha pessoal para o estudo histórico.

1- Como os anarco-punks interpretam as relações de poder e exploração da sociedade em que vivem

Como colocado anteriormente, o niilismo parece não envolver nenhum tipo de instituição concreta em nossa sociedade, possível de ser localizada objetivamente em um espaço social

específico, mas sim uma construção imaginária que envolve outras elaborações relativas à sociedade, como as idéias sobre *história e política*.

Desse modo, penso ser importante tentar apontar não só a conjuntura econômica e social em que os anarco-punks vivem e constroem sua cultura (como feito na segunda parte do Capítulo anterior); é importante também tentar identificar alguns elementos de *como* esses anarco-punks compreendem e interpretam as relações de poder na sociedade para tentar compreender também como eles vêem suas possibilidades de ação política nesta mesma sociedade.

No meu ponto de vista, acredito que as relações sociais se manifestam pelo sistema de relação econômica. Vivemos num capitalismo eterno e violento, isso reflete na sociedade. A violência social massacra o ser humano, é nessa vida pela sobrevivência, a ganância dos ricos, ceifa a vida de milhares de inocentes. É muito complicado falar disso em poucas palavras, ainda mais sobre anarquismo.¹

São palavras do anarco-punk Antigo, da banda maranhense *Última Marcha* e da União Libertária do Maranhão (ULMA), ao ser questionado em entrevista sobre sua visão quanto a possibilidade de uma organização social diferente desta em que vivemos.

Antigo coloca claramente a consideração de uma organização complexa de nossa sociedade, cujas relações de desigualdade econômica “refletem na realidade”, quer dizer, manifestam-se na violência social. “Capitalismo” é a palavra que parece reunir o conjunto dessas relações de desigualdades e violência econômica e que envolve o “massacre” das vidas de inúmeras pessoas.

Uma representação semelhante da realidade é feita por Sadol, membro da banda anarco-punk paulista *Execradores*. Ao ser questionado (em uma entrevista dada ao zine² norte americano *Profane Existence*) sobre as causas do grande número de sem-tetos de São Paulo, ele responde:

Once again, the problem comes from the socio-economic system, from the capitalist social organization structure. (...) Now, the capitalist development, in the forms of neo-liberal government, the situation is much worse. The social inequality is so great that it leaves the

¹ ANTIGO. Entrevista concedida a Clarisse. Zine Reação #01 (GO). Disponível em www.gritopunk.hpg.com.br. Acesso em 16 maio 2003.

² “Zine” é a contração de *fanzine*, ou “revista de fã”. Originalmente tratava-se de uma forma de divulgação de informações e críticas sobre bandas punks da época –o primeiro fanzine, *Sniffing Glue*, surgiu na Inglaterra em 1976. Textos datilografados ou manuscritos reunidos a colagens de fotos e figuras que eram fotocopiados e distribuídos. Com o passar do tempo, muitos zines perderam seu caráter de “fã” e passaram a veicular também acontecimentos políticos, discussões, denúncias e outros assuntos de interesse dos punks e anarco-punks.

majority of society with minimal surviving conditions. Then men, women, and, children, in short, entire families are left homeless and hungry and without living perspectives.³

O capitalismo é toda uma “estrutura” organizacional da sociedade; as desigualdades sociais e a miséria de um grande número de pessoas provém de uma forma específica, mas abrangente, de construção das relações sociais. Trata-se de um “sistema” global na sociedade, cujos efeitos são sentidos em todas as esferas da vida social.

Também é possível perceber esta visão presente entre anarco-punks baianos, através do zine *Informação Alternativa*, de Salvador:

...a autoridade do homem sobre o homem, a exploração do trabalho alheio e a prática de iludir a boa fé do próximo constituem as regras fundamentais da ordem social em que vivemos. A autoridade do Estado, o desfrutamento dos patrões, a ação nefasta e emburrecedora do clero e da escola oficial estão sempre presentes, assediando-nos, comprimem-nos de todos os lados e não se pode fugir aos seus tentáculos absorventes.⁴

Parte daí a necessidade vista pelos anarco-punks da mudança geral da “ordem social”, ou seja, eles anseiam o fim do capitalismo como a única forma possível de existir uma organização social com maior liberdade (conceito que ainda será melhor explicitado ao longo deste trabalho) e menos exploração entre as pessoas:

Vivo num Estado de hierarquia/ O patrão é que decide tudo/ Com muita força e anarquia/ Vamos mudar este mundo/(...)/ No capitalismo a competição/ Só trarão angústias e a repressão/ Por isso precisamos da autogestão/ Para nos livrar das garras do patrão/(...)⁵

Trata-se da letra da música “Autogestão”, da banda punk-anarquista gaúcha *Antítese Social*. A idéia do capitalismo como inevitável fonte de “angústias e repressão” é algo comum aos anarco-punks, sendo a anarquia (ou autogestão de uma forma mais específica) apontada como a grande alternativa de mudança social.

Talvez, em um primeiro momento, esta possa parecer uma conclusão já esperada, uma vez que se trata de indivíduos e grupos assumidamente anarquistas, mas são características

³ “Mais uma vez o problema vem de um sistema sócio-econômico, da estrutura da organização social capitalista. (...) Agora, o desenvolvimento capitalista, nas formas do governo neo-liberal, a situação é muito pior. A desigualdade social é tão grande que deixa a maioria da sociedade sem condições mínimas de sobrevivência. Dessa forma, homens, mulheres e crianças, resumindo, famílias inteiras são deixadas sem casas e famintas e sem perspectiva de vida”. EXECRADORES. Entrevista concedida a Kerry. Profane Existence #28 (EUA). Disponível em www.execradores.cjb.net. Acesso em 3 ago. 2003.

⁴ O ANARQUISTA. *Informação Alternativa*. Salvados, n.03, dez. 1996.

⁵ Autogestão. In: ANTÍTESE SOCIAL. *Libertários*. Caxias do Sul, 2000. [fita demo]

importantes para a compreensão de aspectos mais específicos do pensamento e da cultura anarco-punk. O anarquismo punk possui características singulares, assim como as possuíram quaisquer outras construções do anarquismo (de individualistas a “coletivistas”) ao longo da história.

Esta mesma banda, em suas músicas “O Homem Coisa” e “Humano Padrão”, demonstra de forma mais específica *como* o capitalismo, entendido como uma “estrutura” social maior, agiria sobre as pessoas. Como seus princípios de dominação e exploração são de alguma forma *internalizados* pelos seres humanos:

Lá vai o homem coisa!/ Trabalha, sempre trabalha? Busca a sua essência/ De ser completamente máquina/ De ser substituível/ De não ser mais prestável/ E de achar um nada/ Lá vai o homem coisa!/(...) ⁶

Sinta inveja, mate e roube/ Seja como eles são/ Sirva, trabalhe e fique calado/ Você aprendeu a lição/ Sou humano padrão/ Seja egoísta, trabalhe, progrida/ Você é somente você/ Pise nos outros, faça como eles/ Assim que você vai morrer/ Seja humano padrão ⁷

Uma das grandes armas de manutenção da organização do capitalismo é, dessa forma, o que muitos anarco-punks denominam “alienação”, “falta de consciência social” ou expressões semelhantes:

A aceitação permanente do sistema de classes e desigualdades sociais com base na exploração do trabalho alheio não é simplesmente uma mera consequência da alienação social, mas da aceitação da mesma, da falta de credibilidade em possíveis alternativas de transformação social, de traumas e complexos psicológicos aplicados às massas como métodos de enquadramento social. As massas populares de uma certa forma sempre souberam que são exploradas pelas classes dominantes, mas em sua grande maioria sempre rejeitam essa consciência, isso porque os complexos psicológicos atuam nas massas também como mecanismo de defesa do sistema social vigente. ⁸

Percebe-se um tratamento semelhante da questão pela banda punk-anarquista paulista *Distúrbio Mental*, na música chamada “Marionete”:

Porque tu vives/ Porque tu vives/ Se tu não tem idéias próprias/ Marionete retardado/ Você não passa de um coitado/ É um robô programado/ Vive servindo de otário/ Quem é que está te comandando/ Quem é que está te escravizando/ Está aprisionada/ parece um condenado/(...) ⁹

⁶ O homem coisa. In: ANTÍTESE SOCIAL. **Reexistir**. Caxias do Sul, 2003.

⁷ Humano Padrão. In: ANTÍTESE SOCIAL, 2000, op. cit.

⁸ ESCRAVO CONFORMADO. **Informação Alternativa**. Salvador, n.03, dez. 1996.

⁹ Marionete. In: DISTÚRBIO MENTAL. **Mentes de Merda**. Ribeirão Preto, 1997. [fita demo]

E também pela banda anarco-punk *Confronto*, também do estado de São Paulo:

(...)/ Pessoas alienadas não vêem que somos escravos/ Escravos de terríveis monstros/ Que vivem do nosso trabalho/(...)¹⁰

Penso que seria possível pensar em duas tendências prováveis ao refletirmos sobre o pensamento social e político dos anarco-punks no que diz respeito às idéias de alienação, presentes em seus textos e músicas.

Uma hipótese que poderíamos cogitar seria que este pensamento poderia levá-los a considerar a maior parte da sociedade integrada por pessoas realmente incapazes da mínima ação política, de qualquer tipo de intervenção social, dada a sua situação de “massa”, “alienada” em termos de consciência dos conflitos e relações de exploração em que está envolvida. Desta forma, poderíamos pensar que os anarco-punks se colocariam como mais “esclarecidos” que o restante da sociedade e que eles poderiam se considerar como os únicos reais *sujeitos*, sociais e políticos.

Se eles representassem a si mesmos desta forma (o que de fato eles não fazem), poderíamos criticá-los como uma “vanguarda” muito pouco efetiva, dado que os anarco-punks possuem uma expressão política ainda muito restrita ao “mundo *underground*”.

Por outro lado, penso que os anarco-punks, ao elaborarem seu pensamento político e social através de seu conceito de “alienação”, de fato parecem elaborar também um sentido de *humanização* (ou “sujeitificação”, na falta de termos melhores) de todos os elementos de exploração, desigualdade e conflitos que parecem a eles serem essência de um “sistema” maior.

Ao acusarem o fato do *homem* ter se tornado coisa, do *humano* se comportar de forma padronizada, de haver *pessoas* que não enxergam a escravidão, os anarco-punks também de alguma forma repassam a responsabilidade de *mudança*, de *ação*, diretamente para estes sujeitos. O “sistema”, a “estrutura” capitalista age sobre a *vida* e os pensamentos destas pessoas e estas atuam na construção concreta de seus aspectos exploratórios na sociedade —o capitalismo não funciona como um grande fantasma incorpóreo e intangível; para agir ele precisa se “corporificar”, tornar-se e admitir-se *humano*, fruto de ações humanas.

¹⁰ Ação Alternativa. In: CONFRONTO. *Avante*. Santa Bárbara d’Oeste, 2000. [fita demo]

Parte daí as formas como os anarco-punks consideram ser possível a luta destas pessoas contra a “alienação” e também a luta política –a ação de transformação social- de forma mais geral e coletiva: para os anarco-punks, essa luta envolve profundamente o papel do *indivíduo* e de sua transformação pessoal em conjunto com a organização da luta social.

Este aspecto será melhor discutido na segunda parte deste capítulo. No momento, proponho explicitar melhor, de acordo com o pensamento dos anarco-punks, como, de forma concreta na sociedade, há a construção e manutenção dos pensamentos e das formas de relações entre as pessoas que mantêm vivas as práticas de exploração e dominação características de nosso capitalismo.

Algumas instituições e, o que poderíamos denominar construções imaginárias em nossa sociedade, possuem para os anarco-punks certo destaque quando nos atentamos aos seus textos, às músicas e às produções em geral. Penso ser importante identificá-las para uma melhor compreensão posterior das formas construídas pelos anarco-punks de suas ações políticas, que envolvem “temas” sociais diversos.

A religião e as igrejas, grandes alvos de críticas dos anarquistas (e não só anarquistas) em qualquer período histórico, continuam sendo consideradas responsáveis pela construção de muitos pensamentos e ações favoráveis à desigualdade e exploração em nossa sociedade.

Em um texto apresentado pela banda punk-anarquista paulista *Abuso Sonoro* (retirado por seus membros de um boletim da União Libertária da Baixada Santista –ULBS, da qual eles fazem parte):

Para a minoria privilegiada e o estado que está consagrado pela igreja é altamente benéfico o fato de estar aumentando a cada dia o número de indivíduos abdicando da razão. (...) Se não bastasse o imperialismo da igreja católica, é crescente a quantidade de adeptos e templos outra enorme máquina castradora da consciência, exploradora do homem que é a igreja evangélica.(...) A intolerância, a discórdia e o ódio são visíveis entre as duas, e nada disso remete a humanidade algo proveitoso. As religiões nos fizeram estagnar durante todo esse tempo, já são quase 2.000 anos substituindo as realidades humanas por ficções divinas, com suas catequeses e evangelizações, servindo pratos cheios para saciar as fantasias de homens crédulos.¹¹

Pode-se perceber aí alguns dos problemas centrais apresentados pelas religiões: a “castração da consciência”, a “substituição da realidade por ficções divinas”, o desprivilegio da

¹¹ AMOR, NÃO TEMOR! Disponível na página eletrônica de Abuso Sonoro: Geocities.com/SunsetStrip/Arena/6325/5.htm. Acesso em 02 fev. 2003.

razão. Tudo isso contribuindo para a exploração na sociedade (inclusive a exploração direta nas próprias instituições religiosas sobre os fiéis). O texto deixa claro também uma das formas concretas de disseminação desses valores, a catequização:

Está comprovado no Brasil a maior causa de stress nas crianças com 8 anos de idade é o medo de Deus. É imprescindível numa criança a compreensão de um fundamento extremamente necessário para o seu desenvolvimento moral, chamado “respeito humano”. Mas de que forma a criança poderá acreditar nisso crescendo sob tradições patriarcais e hierárquicas que contribui nesse processo de devoção à dogmas religiosos que anula e vai em direção oposta ao respeito humano pelo direito, pela liberdade e dignidade moral.¹²

As mesmas acusações frente ao pensamento e às instituições religiosas são feitos por membros da banda *Execradores*:

[Paulo:] It's necessary to fight against all religion, because of their metaphores, prohibitions, promises, etc. They transform humanity to a resigned state, to an obedient slave and to a great producer of wealth.

[Josimas:] I'm against any religion, because they just enslave the human mind, looking for the wealth of some religious leader.¹³

Os ensinamentos religiosos, para os anarco-punks, envolvem dessa forma diversos outros valores sociais que são considerados também como parte da construção das relações sociais de desigualdade e exploração. As tradições hierárquicas, o “patriarcado” e também o machismo, segundo anarco-punks de Salvador, são alguns exemplos destes valores:

Ao longo da história fica evidente a nocividade do teísmo em seus vários aspectos. Nesse texto porém, vamos nos ater a apenas um desses aspectos: o machismo, que é evidente não só no cristianismo mas em todas as religiões do mundo a fora uma pequena exceção para o candomblé, onde apesar do fato de que a divindade maior é masculina, as mulheres podem ostentar as mesmas posições que os homens.

A coisa já começa na Bíblia, que é um dos livros mais machistas e reacionários já escritos.(...) Além disso todos os escritos da Bíblia de maneira geral colocam a mulher como suja e desencaminhadora.¹⁴

¹² Ibid.

¹³ “[Paulo:] É necessário lutar contra todas as religiões, por causa de suas metáforas, proibições, promessas etc. Elas transformam a humanidade em um estado resignado, em uma escrava obediente e em uma grande produtora de riquezas. [Josimas:] Eu sou contra qualquer religião, pois elas apenas escravizam a mente humana, buscando pela riqueza de alguns líderes religiosos.” EXECRADORES. Entrevista concedida a Kerry. Profane Existence #28 (EUA). Disponível em www.execradores.cjb.net. Acesso em 3 ago. 2003.

¹⁴ RELIGIÃO E MACHISMO. *Informação Alternativa*. Salvador, n.04, mar. 1997.

É interessante notar a “exceção” do candomblé apontada no texto: excluindo esta, “todas as religiões do mundo” são machistas. É um grande exemplo da elaboração do pensamento dos anarco-punks de acordo com suas próprias especificidades sociais; talvez anarco-punks de outras regiões do país onde o candomblé não tenha uma expressão social tão forte não teriam se lembrado ou concordado com tal “exceção”. *A unanimidade de opiniões não é nem de longe uma característica da cultura anarco-punk.*

Por outro lado, neste caso específico, esta mesma e única exceção denuncia a generalização feita por estes anarco-punks (será que eles conhecem “todas as religiões do mundo” para apontarem apenas o candomblé como a única livre do machismo?).

Finalmente, é nas músicas que a crítica às religiões, igrejas ou diretamente à idéia de Deus são mais presentes:

(...)/ Parasita da desgraça mundial/ O Papa é uma figura desumana/ Pregando a submissão/ E a obediência cega/ Pessoas estão sendo aprisionadas/ Pela ditadura do Papa fascista ¹⁵

(...)/ Pare com a glorificação/ Perceba sua submissão/ Nós não precisamos de nenhum superior/ Liberte-se das garras dessa imposição ¹⁶

Glória, glória aleluia/ Fora, fora explorações/ Glória, glória aleluia/ Cadeia aos ladrões/ Igreja, capela e catedral/ Verdadeiro templo do mal/(...)/ Animais egoístas em nomes de Deus/ Te castram, te dominam e roubam/ (...)/ Irmãos, cordeiros e pastores/ Babacas crentes exploradores/(...) ¹⁷

Junto à exploração financeira, em todos esses exemplos do pensamento dos anarco-punks quanto às religiões, percebe-se também um grande “pecado” social cometido por elas: (mais uma vez) a alienação, a disseminação de um certo *irracionalismo*, entendido como perda de “consciência social” segundo os anarco-punks, a resignação e diversos outros valores e práticas (machismo, respeito à família patriarcal e às autoridades) entendidas pelos punks anarquistas como nocivas à construção de uma sociedade mais igualitária e autônoma.

Estes mesmos valores, estas mesmas criações e instituições imaginárias, que na realidade representam construções bem concretas de relações interpessoais de nossa sociedade, são também, segundo os anarco-punks, disseminados e construídos por outras instituições (para ser mais exato, pelos sujeitos sociais que compõem tais instituições). Os grandes meios de

¹⁵ O Papa é fascista! In: CONFRONTO. **Avante**. Santa Bárbara d'Oeste, 2000. [fita demo]

¹⁶ Liberte-se. In: DENÚNCIA. **O Perigo**: vivo e ativo. Birigui, s/d. [fita demo]

¹⁷ Aleluia irmão. In: DISTÚRBIO MENTAL. **Mentes de Merda**. Ribeirão Preto, 1997. [fita demo]

comunicação (imprensa e televisão, principalmente) e as escolas da educação oficial também exercem papéis semelhantes:

Sem dúvida, o papel da imprensa burguesa hoje é muito maior que o de informar imparcialmente as pessoas. Ela forma opiniões, defende interesses, distorce fatos, manipula dados e seleciona o que quer e o que não quer vincular, tudo sobre um ponto de vista único, inviabilizando assim o desenvolvimento da visão crítica do receptor já que as mensagens chegam sempre prontas e mastigadas, voltadas sempre para conduzir a opinião pública, a compreender os fatos do ponto de vista do patrão, do branco, das elites e das instituições.¹⁸

De uma forma mais sucinta, a banda *Abuso Sonoro* também demonstra seu pensamento sobre as grandes mídias:

Não preciso de multinacionais/ Para me dizer o que assistir (ouvir)/ Manipulação/ Televisão¹⁹

Para os anarco-punks, a educação oficial de nossa sociedade vêm atuando, nesse sentido, de forma muito semelhante aos jornais e à televisão:

As altas taxas de repetência e evasão escolar nas camadas mais pobres da sociedade, reforçam esta situação [a do monopólio do conhecimento pela minoria da sociedade] e evidencia a escola como uma instituição elitista (...). A escola também reflete a sociedade como ela é: autoritária e hierarquizada, sendo sua função enquadrar as pessoas ao comportamento e ao ritmo da produção capitalista, criando um operário capaz apenas de cumprir ordens sem questionamento e de executar tarefas mecânicas.²⁰

Em um panfleto para ser distribuído entre a população durante as comemorações do 7 de Setembro (por volta do ano 2000), representa-se a escola como uma instituição “parcial” (favorável às “elites”), promotora de um tipo de “mascaramento da realidade”:

...nunca vemos escolas saírem na rua para ajudar a quem precise, ela sai pelo prazer banal de comemorar uma falsa independência, ainda mais iludem seus alunos para isso, garanto se todos soubessem da verdade sobre a “independência”, não estariam lá para comemorar, pois as escolas sabem da verdade e escondem a verdade! A independência aconteceu? Onde? O Brasil em 1822 pagou para ser “livre”, e cadê a independência?²¹

¹⁸ A IMPRENSA ANARCO-PUNK. **Informação Alternativa**. Salvador, n.04, mar. 1997.

¹⁹ Liberdade de Expressão. In: ABUSO SONORO. **Prisões**. [França]: Panx Rec., s/d.

²⁰ MOVIMENTO ANARCO-PUNK E A SOCIALIZAÇÃO DO SABER. **Informação Alternativa**. Salvador, n.01, jun. 1996.

²¹ 7 DE SETEMBRO, DIA DA INDEPENDÊNCIA? [panfleto] [s/l], [2000?].

Neste mesmo texto evidencia-se também uma preocupação que parece de alguma forma envolver os anarco-punks: a memória social. Dentro do mesmo pensamento que enfatiza a “consciência social” e a (luta contra) “alienação”, há a ênfase na importância da consciência das pessoas sobre seu passado. Ênfase tão forte que no texto em questão o(s) anarco-punk(s) crê(em) em uma suposta “verdade” no passado político do país que pode ser descoberta pelos estudantes e população em geral.

Parece ser clara a relação estabelecida entre o passado, ou a memória que as pessoas possuem dos fatos *passados* (no caso a “Independência do Brasil”), e as atitudes que elas poderiam ter no *presente* ao “descobrirem” que o país nunca se tornou livre no passado e continua nesta mesma situação hoje.

Idéias muito semelhantes acompanham o texto (e a imagem de um D. Pedro I enforcado) de outro panfleto distribuído por anarco-punks durante o “7 de Setembro”:



Fig. 1. Panfleto. Uberlândia, 2002.

No passado pagaram a “independência” do país com dinheiro emprestado (muito heróico). Hoje, vivem pedindo dinheiro emprestado ao FMI. Onde diabos está essa independência? [Ao lado de D. Pedro enforcado:] “Independência... ...ou Morte” Não houve grito do Ipiranga. Não há independência nacional²²

Outro evento em que esta preocupação com a memória histórica mostrou-se forte entre os anarco-punks (e entre diversos outros movimentos sociais) foi durante a “comemoração” dos 500 anos do país, no dia 22 de abril de 2000. Esta data rendeu diversos protestos nas ruas (muitas vezes violentos), panfletos e músicas, como, por exemplo, “Outros 500”, da banda *Guerra de Classes*:

Esqueçam, embriaguem sua memória/ Memória fraca e silenciosa/ Das mentiras de nossa história/ História de encobrimentos e vergonha/ 500 anos de mentira e sangue/ Essa é a nossa comemoração?/(...)²³

E “500 anos de Mentira”, da banda *Distúrbio Mental*:

Inventaram festas para o povo esquecer/ O passado e o presente, nunca vai morrer/ Povos indígenas foram exterminados/ E os portugueses as riquezas aqui roubaram/ (...)/ Tirados de suas terras para serem escravizados/ E hoje em dia muita coisa não mudou./ Pois são obrigados a viverem em favelas/ Comendo as migalhas que o sistema os deixou/ 500 anos de massacre e opressão/ Vamos comemorar nossa escravidão?²⁴

O “1º de Maio” é outra data que também às vezes é lembrada pelos anarco-punks, além de outros eventos mais específicos.

Esta preocupação com a memória histórica é uma característica que mereceria um estudo mais específico. No momento, pensando a problemática central deste trabalho (o niilismo), destaco apenas a importância dada pelos anarco-punks quanto ao *passado* de sua sociedade e sua inevitável ligação com a atuação política no *presente*. Até seu próprio passado é motivo de preocupação nesse mesmo sentido, como já foi destacado anteriormente sobre a revalorização do grupo *Crass* (p.21).

Tal importância dada ao passado é uma característica do pensamento anarco-punk que nos permite mais uma vez refletir sobre a sua classificação de “niilistas”, como faz o imaginário

²² 7 DE SETEMBRO. INDEPENDÊNTES? [panleto] Uberlândia, 2002.

²³ GUERRA DE CLASSES. Outros 500. In: Coletânea Aliança Libertária. Rio de Janeiro: Aliança Libertária Records, s/d.

²⁴ A música “500 anos de Mentiras” ainda não faz parte de nenhum disco lançado, sua letra pode ser encontrada em www.geocities.com/Pipeline/Dropzone/1825 Acesso em 15 jan. 2004.

social hegemônico. A elaboração dos anarco-punks como “destruidores”, “caóticos”, “irracionais” etc. não faz sentido ao se referirem a sujeitos que buscam no passado alguma sustentação para seu pensamento e ações na realidade social presente.

Há uma procura por algum tipo de “verdade” na história contada e lembrada pelos diferentes segmentos sociais. Até que ponto poderíamos falar que os anarco-punks em geral crêem em uma “verdade”, seja na análise histórica ou social de forma geral, é algo que não posso tentar responder nesse momento, mas sem dúvida eles possuem uma idéia bem clara de relações de *poder* que envolvem a construção do imaginário histórico e do imaginário que se pode ter da sociedade presente.

Ao destacarem a “alienação” em que se encontram os indivíduos, ao denunciarem todos os tipos de idéias construídas de forma unilateral e autoritária com a participação das mais diversas instituições sociais tradicionais e, assim, apontarem algumas motivações para a manutenção das desigualdades e explorações sociais, os anarco-punks exprimem o que entendem pela construção de *ações políticas*, ações de transformação de nossa realidade social.

Existe a necessidade do *rompimento* com esta alienação, ou seja, com as formas tradicionais (capitalistas segundo o pensamento punk-anarquista) de entendimento da sociedade e da vivência inter-pessoal nesta mesma sociedade. É preciso um abandono do que antes considerava-se “certo” para abrir-se à novas interpretações e práticas sociais, entendidas por eles como mais favoráveis a uma sociedade mais igualitária e livre. Daí nasce a prática política de *transformação* do presente.

Esta última conclusão foi construída aqui –admito- de uma forma um pouco esquemática; seu objetivo neste momento foi apenas organizar as idéias expostas até aqui. Na continuidade deste capítulo, proponho justamente tentar apontar de uma forma um pouco mais objetiva esta relação entre as formas de elaboração imaginária dos anarco-punks quanto às relações de poder de sua sociedade (idéia de “alienação”, de forma geral) e suas propostas de atuação política e transformação social.

2- Revolução individual/ Luta coletiva

A atuação política dos anarco-punks confunde-se profundamente com sua própria *cultura*. É difícil separar o que poderíamos chamar de *luta política e produção cultural* (se é que

esta separação é possível para quaisquer outros grupos sociais), mais ainda porque eles colocam *explicitamente* a construção de sua cultura como uma arma que visa a transformação social. Uma melhor análise dessas relações e a cultura anarco-punk em si será feita mais adiante.

Neste momento desejo destacar uma característica do pensamento (e ação) dos anarco-punks decorrente de suas idéias de como são construídas e mantidas as relações de exploração social.

Frente ao que chamam “alienação”²⁵, ao inevitável combate de idéias e construções imaginárias que envolvem os conflitos entre os segmentos sociais, muitos anarco-punks propõem uma atuação que envolve o que poderíamos chamar de *conscientização* social.

Em explicação do que viria a ser o movimento anarco-punk, o MAP da Bahia deixa claro:

O Movimento Anarco-punk nasce (...) principalmente da necessidade de denunciar, seja através da música, da indumentária, dos zines e dos panfletos, a forma como as pessoas estão sendo esmagadas nos subúrbios e periferias, a exploração do homem pelo homem, os grupos de extermínio que agem impunemente com conivência da polícia e das autoridades, a violência, o desprezo com a saúde, a educação, a falta de lazer e de tudo que faz a humanidade ser oprimida e massacrada.²⁶

Há a necessidade de “denunciar” todos os problemas sociais causados pela desigualdade de condições entre os segmentos sociais. Certamente considera-se que a grande maioria das pessoas têm a consciência desta desigualdade, mas é como se a alienação fosse uma condição de mascaramento e impossibilidade de compreensão destas pessoas quanto aos reais motivos e causadores das desigualdades. É justamente aí que se propõem a atuar ao anarco-punks.

O coletivo anarco-punk paulista Marãna-Eté também define a si mesmo e às suas ações:

Somos um coletivo Anarquista. Estaremos sempre junt@s ao povo pobre (do qual fazemos parte) das periferias em nossas lutas e conquistas. Somos um grupo de propaganda e ação anarquista. Por isso procuramos envenenar as pessoas com boas doses de sabedoria e informação. Para assim tentar neutralizar a doença da alienação burguesa impregnados em nossa gente.²⁷

²⁵ A palavra “alienação” pode não ser aceita como válida para todos os anarco-punks (obviamente não há uma cartilha de princípios que todos devem acreditar e seguir), todos possuem idéias próprias do que é ou de como funciona (ou não funciona) a “alienação”. Este conceito utilizado aqui, escolhido por mim, visa representar, na medida do possível para a disciplina história, características gerais de um pensamento que parece unir grande parte dos anarco-punks, mas que realmente deve contar com um sem-número de variações e elaborações constantes, de acordo com os diferentes indivíduos, grupos, regiões e realidades histórico-sociais.

²⁶ MOVIMENTO ANARCO-PUNK. DEFINIÇÃO **Informação Alternativa**. Salvador, n.01, jun. 1996.

²⁷ EDITORIAL MARÃNA-ETÉ. Disponível em www.anarcopunk.org/maranaete/index.htm Acesso em 18 jul. 2003. Obs.: o “@” nas palavras indica que ela corresponde aos gêneros masculino e feminino ao mesmo tempo.

É importante ressaltar a identificação dos anarco-punks como integrantes do mesmo segmento social que eles pretendem “envenenar” com sabedoria e informação; segmento definido por eles mesmos como “povo pobre”. Nesse sentido, não se trata de um grupo alienígena que pretende trazer a “luz” da razão aos moradores da periferia, mas sim de uma criação desta mesma periferia que pretende autogerir as suas próprias alternativas de compreensão e organização social.

Ainda no sentido da existência social da “alienação”, o anarco-punk Ateu, de Uberlândia, respondendo a uma pergunta feita por mim em uma entrevista, diz se acredita ser possível falar em “consciência de classe” ao pensarmos sobre a sociedade:

Ah, cara...acredito que...acredito sim...não sei...Acredito que se tivesse consciência de classe, cara, a população ia ser mais consciente. Saber que você é um explorado e como você é explorado, e isso acho que 90% da população não têm consciência de classe (...) Se você faz parte de que classe, se você é consciente que você é um burguês explorador; você é consciente que é um proletário fudido, que não vai vencer na vida porra nenhuma, pode socar seu diploma depois que você se formar no cu porque não vai servir pra bosta nenhuma...há, há...sacou? Isso aí pra mim é que é consciência de classe.²⁸

Há um anseio, até certo ponto muito claro, de como as pessoas poderiam reorganizar sua sociedade, uma vez que estas pessoas (os “pobres”, “marginalizados” e “proletários fudidos” para ser mais específico) conseguissem compreender mais claramente a “realidade” da exploração social a que elas são submetidas:

Não tomemos partido de quem nos usa. ACORDEMOS! ALERTA! Alerta quantas vezes for preciso para que deixemos de nos submeter a essa exploração e ao comodismo da esperança pela salvação, da espera de um partido, um senhor ou líder para tomar atitude a favor de nossas vidas. Juntemo-nos e construamos uma organização de trabalhadores(as), não apoiando mais nenhum patrão, nenhum escravocrata. Não acreditemos mais em mentiras que nos afastam e nos enfraquecem.²⁹

Percebe-se tanto neste último fragmento de texto quanto no depoimento de Ateu dois tipos de rupturas necessárias para a construção de uma sociedade, digamos, “ideal” para os anarco-punks: uma ruptura ligada à *consciência individual*, quer dizer, a compreensão do indivíduo sobre as relações de poder e todas as suas nuances na sociedade, bem como sobre sua

²⁸ Entrevista com Ateu, registrada em 4 de fevereiro de 2003.

²⁹ AOS SORRISOS PERDIDOS. **Informação Alternativa**. Salvador, n.05, mar. 1998.

própria posição nesta mesma sociedade. Isto modificaria a forma como as pessoas interpretariam sua realidade em relação às explicações “padrão” (ou seja, as instituições imaginárias hegemônicas na sociedade). Uma outra ruptura ligar-se-ia já às formas de vida concreta, das relações inter-pessoais e de prática frente à organização social presente.

O quanto os próprios anarco-punks podem considerar “utópicos” (seja no sentido negativo, relativo a *ingênuo* ou no simples sentido de uma *projeção para o futuro*) estes anseios, será discutido mais adiante.

São mais uma vez as músicas que podem revelar aquelas características no pensamento dos anarco-punks na medida em que nos atentamos que muitas delas são elaboradas intencionalmente como mensagens diretas de *conscientização social*, *esclarecimento* e de estímulo às mudanças. Exemplos:

O mundo está cheio de drogas/ Violências e desigualdades/ Mas exponha sua criatividade/ Procure se libertar/ Coisas que todos podem ver/ Mas não conseguem enxergar/ Que a vitória depende só de nós/ Abra os olhos e comece a lutar/ (...) ³⁰

(...)/ Foda-se o mito e a predestinação/ Pois ninguém é dono da verdade/ Façamos o que pensamos/ E o que pensamos vivemos/ (...) ³¹

(...)/ Mulher, veja ao seu redor/ Quantas estão dispostas a luta/? Muitos preferem que você fique quieta/ Reaja e mostre que você tem vida ³²

Pare de olhar para o chão/ O mundo ainda tem solução/ Vamos destruir nossas fronteiras/ Vamos queimar nossas bandeiras ³³

Compreende-se, então, um processo fundamental para o pensamento político dos anarco-punks: uma vez que a “alienação” ajuda a impedir os sujeitos sociais de modificarem suas práticas e relações construídas na sociedade, uma vez que cada pessoa parece *reproduzir* uma lógica de dominação e exploração capitalista nos menores atos de seu cotidiano (argumento visível nas críticas ao machismo, a família tradicional, a escola, a religião), é necessário que, paralelamente à *organização política coletiva*, as pessoas construam em si uma “*revolução individual*”, de modo que as lutas sociais que busquem modificações mais abrangentes não caiam novamente em novas instituições de dominação.

³⁰ Coisas que todos podem ver. In: ANTÍTESE SOCIAL. **Libertários**. Caxias do Sul, 2000. [fita demo]

³¹ Pura Matéria. In: ANARCO-ÍRIS. **Anarco-Íris**. Uberlândia, 2001. [fita demo]

³² Subverta. In: EXECRADORES/SIN DIOS. **A Luta**. [-]: Esperanza Recs., 1999.

³³ Destruir. In: ABUSO SONORO. **Revolte-se**. [EUA]: Sin Frontera Records, s/d.

Esta importância dada à *consciência* individual junto à organização política coletiva é clara ao analisarmos depoimentos, textos e músicas dos anarco-punks. Em um texto do Movimento Anarco-Punk do Rio de Janeiro:

Inicie dentro de si mesmo uma revolução! Em primeiro lugar como uma luta pela liberdade! É necessário pensar, agir e estar ciente da empreitada a que se está lançando. A Revolução Social é um exemplo ideal, é a maior construção anarquista! Não se faz uma Revolução Social por encomenda! Ela é fruto de nosso esforço e ação direta contra os opressores de quem deseja o ser humano livre.³⁴

A “Revolução Social” é colocada como um *ideal*, ou seja, uma projeção para o futuro da sociedade. A *construção* de uma *consciência* relativa à organização social *presente* parece ser fundamental para a também *construção* da organização *futura* desta sociedade (através da Revolução Social, que seria realizada através do “esforço” e “ação direta”).

A fala, provavelmente de um punk, identificado apenas como Bidu, gravada durante uma apresentação ao vivo da banda punk-anarquista paulista *Denúncia*, mostra de uma forma ainda mais “didática” (talvez, a nossos olhos, até mesmo *esquemática*), o pensamento em discussão:

(...) Num processo social, a gente vemos que tem três níveis de consciência: o nível de consciência ingênuo, o nível de consciência crítica e o nível de consciência organizativa. A gente temos que sair também do meio ingênuo pra partir pro meio crítico, pra partir pro meio organizativo. São esses três processos de caracterização da personalidade humana. A gente temos que derrubar esse capital... (...)³⁵

Paulo, da banda *Execradores*, também destaca a importância de uma “revolução” na consciência individual como elemento chave na luta coletiva:

I look for a revolution in two ways: The first is an individual revolution in ones self, a personal rupture with the laws and standards of any authoritarian system. The second, consequence of the first, a revolution (armed) of the oppressed, free of the bourgeois values and with cooperativism inside itself, against the oppressors.³⁶

³⁴ REVOLUÇÃO. MAP-RJ. Disponível em: go.to/zineprofecia. Acesso em 28 jul. 2003.

³⁵ In: DENÚNCIA. **O Perigo**: vivo e ativo. Birigui, s/d. [fita demo]. Mesmo que o próprio Bidu não seja um anarco-punk (o que não é possível saber pela fita), penso que é o bastante considerar que sua fala é construída em um “contexto” já formado pelas falas e músicas da banda punk-anarquista em questão, além do fato de que um membro desta mesma banda demonstra aprovação das idéias expostas.

³⁶ “Eu procuro por uma revolução em duas vias: A primeira é uma revolução individual e interna de cada um, uma ruptura pessoal com as leis e padrão de qualquer sistema autoritário. A segunda, consequência da primeira, uma revolução (armada) dos oprimidos, livres dos valores burgueses e com o cooperativismo internalizado, contra os

Tanto Bidu quanto Paulo colocam um *princípio* para o processo de transformação (de “revolução”) pessoal e social: o próprio indivíduo. Mesmo que muitos anarco-punks tenham em seu pensamento que a construção das transformações individuais, que envolve *ruptura* com antigos valores e práticas, é realizada de forma *constante* e *junto* às práticas de organização e convivência coletiva (ver mais adiante), parece permanecer um tipo de “ponto de partida”: a iniciativa de cada indivíduo para aceitar e construir mudanças em seu próprio pensamento e vida, que de fato se concretizam em ações de seu dia-a-dia.

Ateu também demonstra um pensamento semelhante:

Você começa...que nem, se você quer mudar alguma coisa, você começa com você mesmo, porque se você quiser mudar as coisas, assim, partindo...peitar tudo de forma geral, cara...você não olha pro seu umbigo pra olhar o que ta fazendo, não adianta porra nenhuma, cara.(...) Falar que “Não. A gente tem que ser, a gente tem que lutar por causa disso, por causa daquilo...” Abraça diversas causas, saca? Na própria vivência das pessoas, tratamento de indivíduo com indivíduo, você não vê nenhuma dessas causas sendo abraçadas(...)

Entendeu? Aí a gente começa primeiro com essa proposta: tem que partir da gente mesmo, da própria vontade de querer mudar. E assim formar um coletivo, um coletivo de pessoas, de ações que mudam todo um conjunto. Fazer uma força pra poder mudar.³⁷

Juntamente com o anarco-punk Samuel, de Uberlândia:

A mudança social precisa começar de cada um. Para acabar com a competição é preciso que as pessoas neguem a competição.³⁸

Por fim, ainda com o mesmo princípio, temos a música “Revolução Pessoal”, da banda *Abuso Sonoro*:

Como desejar um mundo livre/ Se pessoalmente você vive acorrentado/ A transformação começa por você/ Individualmente uma revolução pessoal/ Preso a tradição da família/ Vomitado da alienação cultural/ Assassinando um hábito alimentar/ Explorando para satisfazer vaidades/ Atrelado a tantos preconceitos/ Tratando o diferente sem o mínimo respeito/ Tente revolucionar o seu dia-a-dia/ Dê o primeiro passo para que algo se transforme/ Subverter/ Se opor ao “normal”³⁹

Os anarco-punks não tratam desta ruptura individual também pela palavra “revolução” por simples gosto estético, eles consideram a imensa dificuldade que essa mudança de hábitos,

opressores.” EXECRADORES. Entrevista concedida a Kerry. Profane Existence #28 (EUA). Disponível em www.execradores.cjb.net. Acesso em 03 ago. 2003.

³⁷ Entrevista com Ateu, registrada em 4 de fevereiro de 2003.

³⁸ Entrevista com Samuel, registrada em 21 de setembro de 2003.

³⁹ Revolução pessoal. In: ABUSO SONORO. **Já Basta!!!** [Itália]: Bomber Records, s/d.

valores e pensamentos envolve. “Revolução” também em um sentido da consideração a toda potencialidade de atuação social que uma pessoa “consciente” possa ter.

Certamente esta “revolução pessoal”, esta “conscientização” é algo extremamente subjetivo. Afinal, como saber se a mudança individual construída pelo sujeito (ao lado de outros) realmente está ocorrendo em um caminho que possa levar ao respeito, à liberdade e a melhores relacionamentos sociais?

Alguns princípios do pensamento anarco-punk parecem envolver parcialmente uma resposta a esta pergunta, mas ainda sem eliminar seu imenso grau de subjetividade (quer isso seja algo bom ou ruim): a transformação pessoal deveria mostrar-se efetiva em todos os momentos da vida cotidiana do indivíduo (“tente revolucionar seu dia-a-dia”). Pode-se daí entender uma das críticas possíveis de serem feitas pelos anarco-punks aos membros de partidos políticos:

É...pra falar a verdade, esses caras de partido –não sei se estou generalizando um pouco-(...) mas os caras de partido são um bando de demagogo eu acho cara. Saca? Que nem... indo pro Fórum Social; a galera lá: “Pá...contra a ALCA, contra a globalização, não ao imperialismo norte-americano...” Pára no posto e desce a coca! Galera com a coca! Há, há...Isso pra mim eu acho incoerente, sabe? Não tô falando que eu sou cem por cento correto não, mas eu tento ser totalmente coerente. Eu tento ser. Os caras não se esforçam, sabe? Eles pensam que é uma esfera à parte. “A LUTA CONTRA A ALCA!”, aí vai mostrar na prática, eles não têm prática (...) no cotidiano. Acho que a luta tá no cotidiano, cara. É muito mais –sei lá, opinião minha- acho muito mais válida a luta no cotidiano do que eventos isolados, acontecimentos uma ou duas vezes ao ano.⁴⁰

Não quero julgar a “justiça” do pensamento de Ateu quanto aos membros de partidos políticos, mas chamar a atenção para um valor prezado pelos anarco-punks: a *coerência* entre pensamentos, discursos (já que se supõe que eles sejam mais *conscientes* e críticos) e as ações cotidianas. Este valor parece ser fundamental inclusive para a construção e manutenção da identidade dos anarco-punks como grupo e cultura comum; existe alguma relação entre a manutenção de uma coerência pessoal considerada pelo próprio indivíduo que tenta se fazer coerente e também considerada pelo grupo com o qual ele se relaciona.

⁴⁰ Entrevista com Ateu, registrada em 4 de fevereiro de 2003. Ateu refere-se ao Fórum Social Mundial de 2003, em Porto Alegre, onde paralelamente estava ocorrendo o evento Jornadas Libertárias. Neste evento os libertários e anarquistas produziram um panfleto acusando o Fórum de ser apenas uma oportunidade de “descarrego coletivo de consciência”, não sendo uma verdadeira oportunidade para a promoção de uma luta contínua dos movimentos sociais contra as dominações na sociedade.

Deixo esta questão em aberto, já que as identidades construídas pelos anarco-punks não fazem parte diretamente da problemática deste trabalho –que trata principalmente das construções imaginárias do niilismo contemporâneo.

Não se trata também, neste momento, de avaliar algum tipo de “grau de efetividade” do pensamento e das ações políticas dos anarco-punks discutidas até aqui; se realmente faz sentido uma “conscientização” de parcela significativa da sociedade ou se o caminho para a “revolução social” poderia passar pela “revolução individual”.⁴¹ Muitos anarco-punks reconhecem suas limitações nesses sentidos; Ateu, por exemplo, admite que “muitas das idéias que tentamos passar não são absorvidas. O anarco-punk acaba chocando mais pela aparência”, sendo preciso sempre “um impacto para influenciar a sociedade”⁴²

Nesse momento, retomo o foco de análise para o niilismo, chamando a atenção para o pensamento político dos anarco-punks discutido até aqui juntamente com as construções imaginárias sociais relativas ao niilismo, como discutida na segunda parte do Capítulo I.

Se o niilismo, de acordo com nossa elaboração específica, pode estar relacionado às construções imaginárias sociais que tendem a retirar dos sujeitos sociais a compreensão de si como *responsáveis* e, mais do que isso, como *capazes* de atuar politicamente em nossa contemporaneidade –a capacidade de *construir* suas vidas *presentes* de forma mais autônoma-, o pensamento dos anarco-punks (com suas construções imaginárias bem peculiares) chama a atenção justamente para a responsabilidade das pessoas, dos indivíduos, em mudar a situação de sua realidade social mais imediata. Ao falarem sobre “alienação” (ou idéias correlatas), eles ao mesmo tempo discursam sobre a possibilidade *real* dos indivíduos e segmentos sociais em superarem tal estado.

Eles próprios se enxergam como *sujeitos* criativos da própria vida (por isso o tão grande orgulho de sua própria cultura, como será discutido mais adiante) e, se buscam a *negação* da validade de muitas das instituições imaginárias e “concretas” de nossa sociedade, com a própria *história* (enquanto conhecimento humano de seu passado) isso não parece ser diferente. A linearidade dominante e *supra-humana* –a “corrente do devir” de Nietzsche ou o “processo” de

⁴¹ Apenas para que não me acusem de evitar um posicionamento político pessoal, digo que esta última possibilidade parece-me merecedora de uma reflexão mais aprofundada e séria por parte de historiadores e cientistas sociais em geral.

⁴² Entrevista com Ateu, registrada em 21 de setembro de 2003.

Hannah Arendt- parece também não ser “respeitada” por eles como algo que possa se colocar acima dos homens.

Por outro lado, há claramente elementos que nos permitem refutar as críticas muitas vezes feitas aos anarco-punks (também feitas a punks e anarquistas em geral) de que eles buscam uma *destruição* de todas as relações necessárias à vida social, de que agem de forma “caótica”, “irracional”, em suma, de que se classifiquem como *niilistas* no sentido mais corrente do termo (discutido no início do Capítulo I).

Suas preocupações em *compreender* o que seria a “realidade” da sociedade em que vivem e suas relações de poder, suas preocupações com a memória social e com o *passado* do país em que vivem revelam que a *ruptura* defendida pelos anarco-punks com diversos elementos da organização social hegemônica não é *total*, quer dizer, eles não buscam o caos total e o *nada*.

A *história*, em si, parece não ser algo negado por eles, uma vez que buscam compreendê-la, seja nos eventos do passado ou em seus resultados diretos na organização da sociedade no presente. Não a negam, mas se vêem no direito de *modificá-la*, de romper com alguns de seus aspectos que não lhes parecem interessantes.

Este aspecto é colocado de forma muito clara na introdução de um poema em um panfleto de apresentação da banda *Confronto*:

...busquemos um auto-questionamento de cada indivíduo para uma possível evolução. A ânsia de destruir os padrões, tradições, regras em nosso meio estão em nosso cotidiano. *Lembre-se: Destrua as coisas certas* não deixe o fascismo e o padrão desenvolver-se em nosso meio.⁴³

“Destruam as coisas certas...”, pois é necessário *construir* algo ao mesmo tempo. A destruição das “coisas erradas”, quer dizer, a destruição *sem consciência* do que se destrói, pode levar ao mesmo lugar em que estamos, ou pior.

O que os anarco-punks estão construindo a medida em que buscam *romper* com as relações e organizações hegemônicas é o que será tratado no próximo tópico: a cultura anarco-punk.

3- A cultura anarco-punk

É interessante expor a representação que os próprios anarco-punks possuem sobre *cultura* (pelo menos sobre sua própria cultura). Para ele, cultura parece não ser uma palavra que denota apenas produções concretas (como a música, textos, desenhos, estética visual etc.), mas todo um conjunto de construções próprias e suas identidades que envolve também modos de vida cotidianos e de relações pessoais. A cultura, para o próprio anarco-punk, envolve-se diretamente com todos os aspectos de sua *vida*. Tal característica é visível nas músicas da banda *Execradores*:

(...)/ Viver o anarquismo/ Aprender no dia-a-dia/ Rejeitar a hipocrisia/ Transformar a arma em vida/ Temos que exercer nossa individualidade/ Percebendo, porém, que somos uma parte/ Lutar por si mesmos, e pelo bem comum/ Ser um indivíduo, mas não ser mais um⁴⁴

(...)/ Contra cultura: nossa expressão/ Alternativas propostas para produção/ Radicalismo em vida nossa opção/ Nossas vidas, perigo em ação!⁴⁵

A importância da coerência pessoal é mais uma vez presente (“rejeitar a hipocrisia”), juntamente com a forma de manifestação desta coerência: o dia-a-dia, a vida transformada em arma através do aprendizado cotidiano proveniente da construção da cultura punk-anarquista. A cultura anarco-punk é considerada uma *contra-cultura*, contra a cultura hegemônica de sua sociedade, dessa forma é também uma arma *política* na luta social. A própria vida, construída em meio a esta cultura, transforma-se, assim, também em arma.

Em um panfleto, os punks-anarquistas da ocupação (“squat”) Pomba Negra, de Campinas, demonstram o que consideram ser sua cultura:

E como marginal, é que traz outros meios de expressar idéias de luta social, através da arte a qual nega, distorce e adapta a real face da sociedade urbana das megalópoles capitalistas, expondo suas feridas e propondo meios alternativos de vida comunitária, de arte e rompimento com as tradições e logo, o Punk adquiri características próprias a sua negação à cultura estabelecida.⁴⁶

A cultura anarco-punk, também elaborada por estes punks-anarquistas como uma *contra-cultura*, exatamente por ser construída como um *rompimento* com a cultura hegemônica, não

⁴³ WISH OF DESTROY. **Confronto**. Santa Bárbara d’Oeste, s/d. [panfleto] Destaque meu.

⁴⁴ Vida. In: EXECRADORES/SIN DIOS. **A Luta**. [-]: Esperanza Recs., 1999.

⁴⁵ Punk. In: EXECRADORES/SIN DIOS. **A Luta**. [-]: Esperanza Recs., 1999.

⁴⁶ CONTRACULTURA E RADICALISMO. **Punk**: expressão de ódio. Campinas, s/d. [panfleto]

pode se desenvolver sem nenhuma ligação com esta. Desta forma, os anarco-punks, como já discutido anteriormente, não podem simplesmente rejeitar seu *passado* (de sua sociedade) gratuitamente, mas devem tentar compreendê-lo junto a seu próprio presente para, aí sim, rejeitá-lo como uma continuidade necessária. Rejeitar a continuidade de uma história em que claramente envolveu a construção de uma sociedade que os coloca como *marginais*.

Ateu também relaciona a cultura e identidade anarco-punk com sua própria vida pessoal e com seu significado como ação política:

Eu encaro o anarco-punk como uma forma, como uma forma de resistência, luta e combate contra o capital...é...eu como anarco-punk...encaro minha vida totalmente assim...eu...resumindo é o que me faz, é o que me faz viver é a luta, assim, e eu adotei o anarco-punk pra mim como ideologia de vivência, como a melhor forma de luta contra o capital.⁴⁷

Ateu também demonstra uma clara noção da *historicidade* do próprio anarco-punk enquanto cultura e identidade coletiva:

É cara, isso é uma mistura de tudo, assim, do jeito que eu falo, a gente só se soma as coisas cara, não dá pra ter “é isso”, “o anarco-punk é isso”. É uma soma de coisas, de diversos assuntos, temas, tendências ideológicas, sacou? Vanguardas afins, há, há... e com o tempo cara, eu acredito, tudo vai se modificando, então eu creio que atualmente a gente tá contribuindo um pouco com essa transformação até do anarco-punk, uma coisa que cinco anos atrás, a concepção de anarco-punk era um pouco diferente (...)

Essas modificações vêm acontecendo, mas é de acordo com o contexto social e político que a gente vem passando, e local também, que a gente vem passando. A própria vivência dos indivíduos, assim, com o tempo a gente vai modificando a cena em que vive, novos indivíduos se interessam, outros desinteressam e assim vão se reciclando as coisas...há, há...⁴⁸

É muito importante destacar a relação entre o pensamento social e pessoal presente neste discurso: uma vez que o anarco-punk considera ser possível uma *transformação* em sua realidade social, tendo a ação de sujeitos sociais como princípio de mudança, parece-lhe natural que ele também, enquanto indivíduo e identidade cultural coletiva (anarco-punk), também seja passível de transformação.

A cultura anarco-punk recebe influência de diversas “tendências ideológicas” da sociedade, bem como de seus próprios integrantes, que a modificam de acordo com suas “vivências” e “contextos sociais e políticos” específicos.

⁴⁷ Entrevista com Ateu, registrada em 4 de fevereiro de 2003.

⁴⁸ Entrevista com Ateu, registrada em 4 de fevereiro de 2003.

E qual é a situação história e social geral que os anarco-punks consideram-se envolvidos hoje? Mesmo considerando a diversidade social de cada região e de cada situação particular, muitos identificam seu momento presente de uma formamuito semelhante ao que faz o MAP da Bahia:

Somos a geração que testemunhou a burguesia deixar o povo órfão de cultura, a decadência do dito “socialismo”, assistimos chupando o dedo, o fim das grandes manifestações estudantis. (...) Somos a geração que nunca viverá um maio de 68, um Woodstock, a geração que passa a maior parte do tempo em academias de cultura física, que dança lambada, aeróbica e funk, que não leu Sartre, Marx e Bakunin. Enfim, a geração que não lutou, que não matou, que não morreu, que não criou nada, que não viu o advento da AIDS(...)⁴⁹

Eles se consideram como a geração que nunca vivenciou qualquer tentativa de transformação da realidade por qualquer segmento social. Nasceram em um mundo já determinado, e mais do que isso, onde as pessoas parecem se auto-condenar a viver inativas em seu presente, por mais desfavorável que este possa ser para suas vidas.

É como estes anarco-punks, nesta representação específica, denunciasses uma sociedade completamente *imóvel*. Nem mesmo as transformações negativas (como o advento da AIDS) fazem parte de sua realidade, do alcance de suas intervenções. É um dado da *história*, frente ao qual nada poderia ser feito. *Nilismo*, enfim.

Por outro lado, a cultura anarco-punk é construída por esta mesma geração, que poderíamos chamar passiva, *apesar* dela mesma. A *ação*, a *criação*, a *movimentação* através da ruptura é central para seu pensamento político e a cultura como um todo. Como já foi discutido até aqui, a criação de alternativas aos valores, pensamentos e práticas sociais hegemônicas faz parte da vivência cotidiana do anarco-punk.

Poderíamos pensar que este desejo pela criação, pelo *novo* na vida social, poderia significar uma obrigação frenética pela constante adoção de “novidades” culturais, vazias de um significado e uma intenção política, o que, segundo alguns autores, caracteriza o “presentismo” (o “imediatismo” de forma geral) típico de nossa “sociedade de consumo”.⁵⁰

Mas penso que as discussões feitas sobre o pensamento social e político, inclusive a importância que os anarco-punks atribuem à história (passado e presente), ajudam-nos a pensá-

⁴⁹ QUEM É NOSSA GERAÇÃO. *Informação Alternativa*. Salvador, n.01, jun. 1996.

⁵⁰ Ver HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. p.57-59.

los de uma forma diferente que simples produtos da “pós-modernidade”, consumista e voltada apenas para seu presente imediato; niilistas, novamente.

Penso em niilismo neste momento porque considero que os resultados em termos de impossibilidade de *criação* social e *ação* política para sujeitos cujas elaborações imaginárias e experiências de vida estariam reduzidas a “uma série de presentes puros e não relacionados no tempo”⁵¹ (o *presentismo* “pós-moderno”) seria muito semelhante aos sujeitos sociais que, inversamente, não conseguissem fugir da *continuidade* pura do tempo em suas vidas.

Tanto a ruptura total, constante e sem qualquer ligação do passado com o presente (“presentes” como diz Jameson) quanto a continuidade elaborada como algo hegemônico e insuperável, sem *rupturas* com o presente, poderiam nos fazer pensar no pensamento *niilista*, como discutido anteriormente.

Retornando à cultura anarco-punk, proponho a reflexão sobre algumas características mais específicas de sua elaboração, com o intuito de “concretizar” melhor o que os anarco-punks propõem como *criação* cultural ao mesmo tempo em que procuram o *rompimento* com diversos valores, instituições, pensamentos e relacionamentos inter-pessoais hegemônicos da sociedade presente (de forma geral) e de suas realidades específicas.

O objetivo aqui é apenas levantar alguns exemplos que auxiliem na discussão da problemática deste trabalho, não descrever a cultura anarco-punk de uma forma completa, exaustiva e global (primeiro porque a realidade social é muito mais diversa do que poderia ser registrada aqui, segundo porque este não é o foco central deste trabalho).

Uma importante característica do pensamento político-social e da cultura anarco-punk contemporânea⁵² é sua ligação com as questões de degradação ambiental, vistas por eles sempre como causadas ou agravadas pela organização capitalista da sociedade.

Grande parte dos anarco-punks adota a luta ecológica como mais um aspecto da luta política geral. Esta relação pode ser vista na explicação de um dos vocalistas da banda *Denúncia*:

Nós estamos vendo que a natureza tá sendo exterminada, e o que que isso quer dizer? Isso reflete a nossa sociedade; uma sociedade podre, imunda, hierárquica, que quer ver um devorando o outro, e isso reflete no meio natural, no ecossistema natural. Temos que...nós como seres que

⁵¹ Frase de Frederic Jameson citada por David Harvey. Ibid. p.57.

⁵² Lembrando que falamos principalmente dos anarco-punks da segunda metade da década de 90 e início de 2000.

dependemos desse mundo pra viver –não tô falando do dinheiro, tô falando do ar, das flores, da água, isso é nosso mundo- nós temos que parar e refletir o que que tamos fazendo nele (...)⁵³

Tal preocupação torna-se motivo de várias músicas para os anarco-punks. Da banda *Anarco-Íris*:

Com pretexto de preservação/ Eles se preparam para a dominação/ Destruíram as florestas do norte/ E agora eles cobiçam as do sul/(...)/ Querem desmembrar esse país/ Tornando a Amazônia o seu território/ Mas se ela já não está bem/ Não estará na mão deles também/(...)/ Fauna e flora eles vão destruir/ Se sua ganância se concretizar/ Mas nós não vamos deixar/ Imperialistas nos dominar⁵⁴

Da banda *Distúrbio Mental*:

Vamos abrir os olhos/ Para uma grande catástrofe/ Se o homem não acordar/ O mundo vai acabar/ Toda a humanidade está sendo banida/ E a vegetação, está sendo destruída/(...)/ Não existe ar para respirar/ As grandes indústrias/ Só querem devastar/(...)⁵⁵

E da banda *Antítese Social*:

Vejo tanta crueldade, vejo tanta ignorância/ Usam animais como cobaias por interesses próprios/ Eles não se importam com a vida pra eles não faz diferença/ Eles não se importam com a vida pois só pensam em poder/(...)/ Imagine se a cobaia fosse você/ Imagine se a caça fosse você/ Pessoas que matam por prazer/ Pois não conhecem o prazer de viver/ Salvem os animais⁵⁶

Este tema motiva também eventos e protestos organizados por iniciativa dos próprios anarco-punks (sozinhos ou em conjunto com outros grupos) ou a participação em outras movimentações de caráter ecológico. Como exemplo do primeiro caso, temos o evento seguido por um ato público realizado nos dias 6 e 7 de setembro de 2003 (mais uma vez o dia da Independência).

O evento, chamado “HardcoreCombativoShowFest”, (ver fig. 2 na página seguinte) tinha como principal objetivo levantar uma discussão pública sobre a construção das usinas hidroelétricas de Capim Branco I e II (Triângulo Mineiro); isto através das sempre-presentes apresentações de bandas hardcore, da exposição de materiais de teor ecológico, vendas de lanches *vegan* e uma palestra com o professor Luís Nishiyama, do Instituto de Geografia da

⁵³ In: DENÚNCIA. **O Perigo**: vivo e ativo. Birigui, s/d. [fita demo]. Cada música gravada precede de uma explicação por parte de um dos membros da banda, a fala apresentada refere-se à música “Reflexo da Humanidade”.

⁵⁴ Amazônia. In: ANARCO-ÍRIS. **Anarco-Íris**. Uberlândia, 2001. [fita demo]

⁵⁵ Ignorância Humana. In: DISTÚRPIO MENTAL. **Mentes de Merda**. Ribeirão Preto, 1997. [fita demo]

UFU. O ato público do outro dia visava também chamar a atenção para as consequências sociais e ambientais da construção de tais usinas. No cartaz de divulgação lê-se:

O meio ambiente vira vítima dos interesses privados. A construção de usinas monstruosas cegam os olhos do povo com a promessa de empregos temporários. Entram em cena, aqueles que ainda defendem um mundo justo.⁵⁷

A junção da luta ecológica com a cultura anarco-punk assume aspectos interessantes, com a união de shows de hardcore com palestras de professores universitários. Além disso, é possível perceber esta preocupação influenciando profundamente os aspectos cotidianos de muitos anarco-punks (mas não todos), que buscando pela já citada “revolução pessoal”, adotam o vegetarianismo e o veganismo⁵⁸ como escolhas pessoais. Gradativamente, pensamento, músicas, indumentária, atitudes, em suma, a cultura anarco-punk como um todo é reelaborada com o tempo.



Fig. 2. Cartaz. Uberlândia, 2003.

Outro aspecto muito importante da cultura anarco-punk atual e que se manifesta no cotidiano (ou pelo menos a maioria gostaria que se manifestasse realmente) é a defesa da

⁵⁶ Animais livres. In: ANTÍTESE SOCIAL. **Libertários**. Caxias do Sul, 2000. [fita demo]

⁵⁷ HARDCORE COMBATIVO SHOW FEST. Uberlândia, 2003. [cartaz de divulgação]

⁵⁸ Talvez poderíamos considerar o veganismo como um vegetarianismo mais radical. Seus adeptos abstêm-se de consumir carne, leite ovos, mel, produtos de couro, seda etc. tentando substituí-los por materiais de origem vegetal. Tendem também ao boicote a produtos ou luta direta contra empresas que se utilizam de testes em animais ou de seu sofrimento de forma geral. O veganismo, assim como o vegetarianismo, é visto pelos anarco-punks e straight edges como uma forma de *ética*.

igualdade de tratamento para ambos os sexos, opções sexuais e também a luta por uma certa *desmoralização* do sexo em relação à forma “tradicional” como é tratado em nossa sociedade.

Do zine Informação Alternativa:

Através de séculos de pregação religiosa os sacerdotes descobriram que a inibição da prática sexual favorece a aceitação do enquadramento social, já que o indivíduo reprimido sexualmente é um indivíduo que tem suas potencialidades sociais fragmentadas, a sua criatividade inibida e sua originalidade afetada, pois a repressão sobre as atividades sexuais de um indivíduo é também a repressão sobre funções orgânicas e intelectuais do mesmo.⁵⁹

Sem discutir a validade desta teoria político-freudiana, o fato é que há uma preocupação com a *moral* agindo como mais uma forma de limitar o que seria natural ao ser humano. Uma limitação individual que ao mesmo tempo funcionaria como uma limitação da ação política social deste indivíduo, geraria preconceitos e definiria posicionamentos sociais de forma discriminatória. De acordo com a banda *Execradores*:

A sociedade nos impõe uma série de comportamentos que são “normais”, e considerando qualquer outro “anormal”, “errado”, “sujo”. Os comportamentos sexuais também são afetados por isso, e muitas pessoas têm sua sexualidade aprisionada por uma porção de dogmas e preconceitos, tornando-se pessoas tristes e frustradas, pois seus sentimentos e desejos são –mesmo internamente- impedidos de fluir. Nosso corpo é uma unidade, e qualquer parte dele pode nos dar prazer e alegria. Não há “pontos de prazer” masculinos ou femininos, e o sexo não tem de estar relacionado a papéis definidos para mulheres e homens.⁶⁰

Esta questão da sexualidade permite-nos entender mais claramente as propostas de *construção* cultural e social dos anarco-punks, uma vez que eles defendem a ruptura com as formas tradicionais de valores, organização social e relacionamentos inter-pessoais cotidianos. Permite-nos pensar também como a preocupação dos anarco-punks com as formas de exploração e desigualdades sociais vão das esferas mais “tradicionais” da esquerda –claro que com uma interpretação própria- como a propriedade privada e o Estado, até as mais cotidianas e aparentemente não relacionadas à *política*, no sentido que supostamente não envolveriam relações de poder.

Algumas músicas também se baseiam nesta mesma preocupação social, como a própria “Tabus” dos *Execradores*:

⁵⁹ O QUE BUSCA A HUMANIDADE? **Informação Alternativa**. Salvador, n.04, mar. 1997.

⁶⁰ Comentário sobre a música “Tabus”. Disponível em www.execradores.cjb.net Acesso em 03 ago. 2003.

(...)/ Para mulher desodorante vaginal/ Para transa luz apagada e cobertor/ Para a mulher bonita um depilador/ Para o belo homem um barbeador/ Se ele deseja todo tempo o ânus dela/ Se ela do dele lembra tenta se esquecer/ Pois um cu de macho não pode ser um cu erotizado/ Homem é falo?/ Já é hora de aprender a ouvir seu corpo/ Dar mais atenção ao coração/ Destruir sua educação machista/ E os papéis destinados para mim ou para ti/(...)⁶¹

As bandas *Distúrbio Mental* e *Abuso Sonoro* também exemplificam essa defesa contra as convenções consideradas “normais” para grande parte da sociedade:

Somos livres para escolher nossa/ Própria sexualidade/ Somos livres para descobrir nossa própria identidade/ O amor não têm fronteiras/ Vamos destruir a discriminação/ Sem diferença de sexos/ Homens e mulheres numa prisão/ Sociedade machista/ Pensamento atrasado/(...)⁶²

Meninos/ Meninas/ Igualdade/ Sexualidade/ Diferenças/ Homossexualidade/ Igualdade/ Heteros/ Homos/ São apenas opções.⁶³

Os anarco-punks adotam e defendem novas formas de relacionamentos sociais (claro que a tolerância sexual não foi criada por eles e nem é tão nova assim, mas se trata ainda de um pensamento e prática ainda não muito difundidos em nossa sociedade).

Do mesmo modo, o lado, digamos, “material” da cultura anarco-punk também é construída por eles através de meios alternativos, devido tanto aos seus princípios políticos quanto às carências financeiras. A maneira que os anarco-punks difundem seus pensamentos e cultura em geral é um grande exemplo disso, podendo enquadrar-se a confecção de fitas e discos, a composição de zine (e informativos como um todo) e os eventos que objetivem divulgar ou discutir alguma questão considerada importante por eles.

A gravadora punk/anarco-punk *Aliança Libertária Records* (RJ) explicita a “fórmula” ainda predominante entre os anarco-punks para a realização de tais atividades:

O DIY (Do It Yourself) é uma forma independente de produção onde nós não esperamos que os outros façam as coisas por nós. Não esperamos recursos tecnológicos, financeiros, etc. Nós simplesmente fazemos. Fazemos da forma que podemos e para isto nos esforçamos para vencer todas as dificuldades. Não importa se gravar um cd em estúdio é caro, pois nós gravamos em casa. Não importa se fazer o encarte em off-set sai o olho da cara pois nós mesmos fazemos a diagramação e tiramos as cópias. E deste modo nós fazemos o que queremos, nós divulgamos nossa cultura e ideal da forma mais independente possível do sistema.⁶⁴

⁶¹ Tabus (ou macho-fêmea/mulher-homem) In: EXECRADORES/ SIN DIOS. **A Luta**. [-]: Esperanza Recs., 1999.

⁶² Igualdade sexual. In: DISTÚRPIO MENTAL. **Distúrbio Mental ao Vivo**. Ribeirão Preto, 1997. [fita demo]

⁶³ Opção. In: ABUSO SONORO. **Revolte-se**. [EUA]: Sin Fronteras Records s/d.

⁶⁴ Do It Yourself. Disponível em www.aliancalibertaria.cjb.net Acesso em 02 nov. 2003

De forma muito semelhante, Antigo, da banda *Última Marcha*, explica como foi feito um dos CDs de sua e de outras bandas regionais:

Foi um lance totalmente caseiro. Descolamos um estúdio de fundo de quintal e reunimos os instrumentos. Depois gravamos um MD e masterizamos. O Jamys montou as capas e começamos a imprimir os encartes e copiar os CDs no computador. A divulgação ta normal, é foda enviar pelo Correio, vamos fazendo trocas e vendendo a preço acessível.⁶⁵

O “*Do it yourself*” talvez seja uma das características mais fortes da cultura anarco-punk (e punk de forma geral) que demonstra o sentido de exclusão social percebido e tão enfatizado por eles. Se a sociedade (o “sistema”) nunca foi um ambiente que pôde provê-los de suas necessidades (materiais, psicológicas, sociais), agora eles aproveitam-se justamente deste fato para reafirmarem sua construção cultural o mais autônoma possível.

Desse modo, a “precariedade” financeira e de equipamentos, explicitada pelos dois últimos depoimentos, não é algo visto como algo totalmente *negativo*, uma vez que ela faz parte de sua cultura. Pode-se perceber esta utilização do “faça você mesmo” no próprio fato de que muitas das músicas utilizadas nesta monografia foram gravadas em fitas K7 (as “fitas demo”), algumas vezes diretamente com um gravador amador. A divulgação e distribuição, como demonstrado por Antigo, acontece via correios, via Internet ou diretamente nos shows e eventos onde se reúnem bandas e indivíduos anarco-punks.

As idéias e a cultura, difundidas de forma escrita e falada também o são feitas pelo “*Do it yourself*” (com os mais variados graus de sucesso). No zine “*Informação Alternativa*” é demonstrada algumas formas como isso pode ser feito:

Então para os jovens proletários, o Movimento Anarco-Punk representa a possibilidade de travar conhecimento com o pensamento filosófico e científico que a escola e a sociedade os nega, pois o trabalho de socialização do conhecimento no movimento se dá com a formação de pequenas bibliotecas, grupos de estudo, edições de zines e boletins (...)⁶⁶

O zine ainda hoje é um dos mais importantes instrumentos para essa construção e divulgação da cultura anarco-punk:

⁶⁵ ANTIGO. Entrevista concedida a Clarisse. Zine Reação #01 (GO). Disponível em www.gritopunk.hpg.com.br Acesso em 16 maio 2003.

⁶⁶ MOVIMENTO ANARCO-PUNK E A SOCIALIZAÇÃO DO SABER> **Informação Alternativa**. Salvador, n. 01, jun. 1996.

O surgimento do zine, deu impulso ao Movimento à medida que a partir dele surgiu um canal próprio de comunicação e conseqüentemente uma forma de divulgar idéias, eventos, fatos, bandas, manifestos, etc. Porém o zine é importante também porque incentiva as pessoas a escreverem, dando opiniões próprias a respeito das questões sociais, poesias, música, ecologia, filosofia, cinema, teatro, quadrinhos ou qualquer outro assunto.⁶⁷

Uma vez que os jornais, revistas, televisão ou rádios “burgueses” são rejeitados como veículos de “alienação” (p.45), não oferecendo, de qualquer forma, qualquer espaço para as idéias como as defendidas pelos anarco-punks, resta a eles, segundo opção própria, criarem formas de comunicação alternativas.

Nesse sentido, a Internet é, nos últimos anos, uma ferramenta de importância crescente, sendo utilizada com intenções semelhantes às dos zines (com vantagens e desvantagens próprias).

Um grande exemplo é a Org.@.P (Organização Anarco-Punk), criada por volta do ano de 2002, que, dentre outras atividades, procura organizar também uma central de divulgação de informação de interesse dos anarco-punks na internet. Explicada por ela mesma:

A Org.@.P a contrainformação através de dois meios: a lista da rede, na qual participam todos os membros –na qual a informação é restrita- e o website, de informação externa. A informação que chamamos “restrita” é aquela divulgada somente aos filiados da ORGAP_IAP (Internacional Anarco-Punk –seção Brasil), por ser de interesse exclusivo dos mesmos e/ou por questões de segurança. Já a informação “externa” é aquela divulgada no site, por ser de interesse geral e contribuir para a difusão do ideal libertário.

O coletivo existe e funciona com seus princípios próprios, mantendo também autonomia na sua forma de organização.⁶⁸

Os eventos em si são oportunidades elaboradas para a difusão e construção dos ideais e da cultura anarco-punk. A criação das condições para suas realizações, como ocorre com a cultura anarco-punk como um todo, baseia-se também fortemente no “faça você mesmo”, utilizando-se de locais, meios e materiais possíveis de serem conseguidos.

A Org.@.P explicita essas características:

Partimos do princípio de que deve-se cobrar o menos possível –preferencialmente nada- na estrada dos eventos e, além disso, do princípio de que o anarco-punk não é comercial, portanto, não queremos lucrar com nossas atividades nem que ninguém mais lucre com elas. Sendo assim, freqüentemente utilizamos espaços públicos, nos quais o uso é gratuito; como por exemplo, em

⁶⁷ A IMPRENSA ANARCO-PUNK. **Informação Alternativa**. Salvador, n.04, mar. 1997.

⁶⁸ A ORG.@.P E O MOVIMENTO ANARCO-PUNK. Disponível em www.anarcopunk.org Acesso em 31 ago. 2003.

universidades, escolas, praças, etc. Acreditamos que, ao fazer um evento nesses espaços, só estamos nos “apropriando” de algo que é nosso. Todos os espaços são do povo, e cada momento de retomada deles é extremamente importante.⁶⁹

O próprio evento já citado anteriormente (o HardcoreCombativo... p. 61) é um exemplo desta significação política e cultural e do uso de recursos mais acessíveis, uma vez que palestra e apresentações foram realizados em uma escola pública da cidade. Um outro evento também realizado em Uberlândia, em agosto de 2002, o “Hardcore Resiste”, que contou com a apresentação de um vídeo sobre os protestos contra uma reunião do G8 em Gênova, mostra de fotografias de protestos diversos e venda de comida vegetariana foi realizado em uma quadra esportiva alugada.⁷⁰



Fig.3 Panfleto de divulgação. Uberlândia, 2002.

⁶⁹ EVENTOS. Ibid.

⁷⁰ **Nota importante:** muito dos eventos (inclusive os dois referidos de Uberlândia) não são de organização e realização exclusiva de anarco-punks. Em todo o país há a intensa atuação deles com outros grupos e identidades cujas idéias e práticas apontem para direções semelhantes (de acordo com seus próprios conceitos). Em Uberlândia, por exemplo, temos desde julho de 2002 a atuação do coletivo GALE (Grupo de Ação Libertária Elteni), que reúne anarco-punks, straight edges e indivíduos que se identificam com ideais libertários.



Fig. 4 Detalhe do “Do it yourself”, destacado pelos organizadores.

O 3º Encontro Internacional Anarco-Punk, realizado em Salvador em 2002, demonstra a importância dos eventos para a construção da cultura e da própria organização política dos anarco-punks. Segundo o relato de Joacy Jamys (da União Libertária do Maranhão), além das discussões sobre a própria organização nacional e internacional dos anarco-punks, o encontro também oficinas de esperanto, de dança, mostras de teatro, vídeos, declamação de poesias, exposição de fotos, desenhos e muita troca de materiais entre anarco-punks de todo o Brasil e de outros países (Chile, Argentina, Estados Unidos, Espanha, Uruguai, México dentre outros)⁷¹

Sobre este mesmo evento, as opiniões e sugestões do Grupo Anarquista/Punk Intervenção (PB) permite-nos entender que a própria organização política proposta ou desejada pelos anarco-punks também envolve grandes rupturas com as formas de organização tradicionais e a tentativa da criação de novos meios de se lidar com o debate, a oposição de idéias e a tomada de decisões. Por outro lado, transparece também toda a dificuldade, toda a luta, para a elaboração destas novas práticas, mesmo entre os anarco-punks:

Chega de intrigas, fofocas e disse-me-disse. Vamos resolver nossos problemas com sinceridade e honestidade. Não ficar criando briguinhas idiotas e cavar abismos, animosidades, onde só existem pequenas (e naturais) diferenças que deveriam ser discutidas, respeitadas e até enaltecidas ou será que queremos construir um movimento uniforme onde tod@s tenham que pensar e agir da mesma forma?(...)

(...) É estúpido numa reunião libertária ficar elegendo mesa diretora, estabelecendo tempo e inscrição para falas. Se ainda não temos a noção de respeito, que é um dos princípios anárquicos (saber falar e também saber escutar!) que tentemos desenvolver isso na prática até conseguirmos. Não há sentido em apelarmos para formas de discussão inibidora, castrante e antinatural que regem a forma de relacionamentos dos autoritários.⁷²

Pode-se perceber novamente o processo de criação, de transformação pessoal e social que compõe o pensamento anarco-punk: há um desejo de mudança, de *ruptura*, frente a *práticas* individuais e sociais consideradas negativas. Uma nova “*noção*” (a “noção de respeito”) deveria

⁷¹ JAMYS, Joacy. **Um pouco sobre o 3º EIAP**. Disponível em www.gritopunk.hpg.com.br Acesso em 16 maio 2003

⁷² GAPI. **Reflexões sobre Encontros Anarcopunks**. Ibid.

ser criada e a forma de criação desta nova forma de pensamento e de relacionamento interpessoal seria a própria *prática*.

Novas idéias, novos pensamentos (novas elaborações imaginárias, incluiríamos), necessárias para a instituição de novas formas de vida social devem ser desenvolvidas na própria vida social, mas somente através de um tipo de *consciência* dos sujeitos sociais. A própria elaboração e divulgação destas “Reflexões sobre Encontros Anarcopunks” parece ter o objetivo de construção desta consciência entre eles.

Este tipo de opção de organização dos anarco-punks é marcada pela predominância dos pequenos “grupos”, “coletivos”, “cooperativas” etc. de caráter local. Pode-se perceber que mesmo quando organizações maiores (em termos de alcance geográfico ou em número de pessoas) são formadas, a identidade e os pontos de vista dos grupos menores ainda são mantidos. Isto ocorre em parte pelos ideais políticos dos anarco-punks e também em razão da própria vivência e atuação política mais cotidiana serem construídas por eles em seus pequenos grupos de suas regiões, cidades ou bairros.

As relações pessoais travadas pelos anarco-punks na esfera cotidiana de suas vidas certamente envolvem a tentativa de criação de características próprias, se considerarmos todos os questionamentos e repúdio demonstrado por eles à família e moral tradicionais e hegemônicos. Seria necessário uma pesquisa conduzida mais próxima a eles, uma pesquisa de caráter mais antropológico para elucidar essa questão. Como aqui me concentro mais no *pensamento* dos anarco-punks (e aí sim, em algumas relações dele para sua cultura e práticas sociais), apresento apenas algumas “pistas” do que eles parecem propor como um elemento importante para a construção de um novo conjunto de relações sociais.

O informativo Resistência e Luta da ULBS (da qual fazem parte alguns anarco-punks) apresenta certas idéias nesse sentido:

A amizade sempre foi algo muito cultuado no seio do movimento punk e anarquista.(...) Para nós, anarquistas, que não reconhecemos a estrutura familiar nos moldes em que ela está fundada, com seus valores burgueses e seu moralismo cristão, a amizade deve, ou pelo menos deveria ter, um significado especial. Quando definimos um grupo de amigos (...), é porque vemos nessas pessoas que escolhemos características e opiniões similares às nossas e disso pode surgir um vínculo mais forte do que o que temos com os indivíduos da família tradicionalmente como conhecida(...)⁷³

⁷³ MILITÂNCIA E AMIZADE. **Resistência e Luta**. Santos, n.38. maio/jun. 2000.

Os amigos escolhem-se, a família não. Este é um interessante fator apontado como mais favorável à solidez dos laços de amizade em relação aos laços familiares. A amizade entendida desta forma também é destaque na música “Precisa-se de um amigo” da banda *Antítese Social* (note que não é “Preciso de meu pai” ou algo assim):

Pessoas estão a procurar/ Uma amizade para poder falar/ Poder chorar, desabafar.../ Basta ser humano, ter sentimentos e coração/ Preciso de um amigo/ Só precisa ser puro e ter objetivos/ Que é o prazer de ter amigos/ Deve compreender o imenso vazio/ Da tristeza e solidão/(...) ⁷⁴

Os anarco-punks do *squat* (ocupação) Pomba Negra, de Campinas, citando o que consideram uma desvantagem da violência assumida pelo *pogo* (a “dança típica” dos punks) com o objetivo de “afastar os new waves” ⁷⁵, também demonstram a positividade dos sentimentos fraternais (se é que podemos denominar dessa forma):

...assim não se consegue criar um ritual solidário de abraços e grandes rodas formadas por muitas pessoas se abraçando e pulando quase criando um orgasmo coletivo indiscriminado, misturando todo o público feminino e masculino sem criar desrespeito, pessoas rodando e caindo no chão podendo dançar sem serem pisadas, como acontecia nos antigos shows de Hard Core. ⁷⁶

Voltando à cultura anarco-punk de forma mais geral, talvez o exemplo da construção da cultura relacionada a toda uma recriação da vida cotidiana que chame mais a atenção são os *squats* (ocupações).

Alguns anarco-punks –mas não só eles- abandonam, ou são abandonados por, suas antigas famílias e empregos e passam a viver em locais antes abandonados, como casas ou prédios, formando assim uma espécie de nova família, com características bem peculiares.

Cito o exemplo do *squat* Pomba Negra, localizado na antiga Estação Ferroviária da Companhia Mogiana, em Campinas (SP), cujo prédio foi desativado e abandonado. Esse *squat* existe desde 2001 e além do grupo Pomba Negra, existem (ou existiam até o início de 2003) ainda mais duas ocupações anarco-punks no prédio, além de moradores de rua que se abrigam por lá. Em meados de 2003, o Pomba Negra contava com por volta de dez ocupantes, fora o fluxo constante de punks, anarco-punks e outras pessoas que passavam por lá.

⁷⁴ Precisa-se de um amigo In: ANTÍTESE SOCIAL. **Libertários**. Caxias do Sul, 2000. [fita demo]

⁷⁵ New wave é um termo amplo para denominar o tipo de música (e de fãs destas músicas) que surgiu logo após a primeira geração dos punks ingleses e norte americanos (considerada até por volta de 1977). O new wave apropriou-se de alguns elementos da musicalidade e estética punk, mas com uma elaboração mais comercial e “asséptica”.

⁷⁶ O QUE É HARD CORE. **Punk**: Contracultura em Movimento. Campinas, s/d. [panfleto]

O espaço, antes abandonado, foi reformado pelos ocupantes, que se utilizaram de materiais reciclados do lixo (gerando uma estética que provavelmente não agradaria os não-punks). Foi instalada também água e eletricidade. Os anarco-punks mantêm no *squat* vários projetos voltados aos interessados da comunidade, como farmácia de plantas medicinais, oficinas de batucada, artesanato, *silk screen*, capoeira angola, biblioteca e aulas de inglês, sobrevivendo dessas atividades.

O relacionamento interno entre os ocupantes também é construído tendo em vista ideais anarquistas, como a divisão de tarefas, regras de comportamentos e até mesmo regras estéticas quanto a aparência de cada um.

O Pomba Negra, bem como os outros moradores do prédio, estavam ameaçados de despejo, pois o prédio foi cedido à UNICAMP para a construção de um centro cultural. O objetivo do governo estadual é aparentemente ver a área tornar-se “útil”.⁷⁷

Mais uma vez, esta rica cultura, explicitamente repleta de ideais e atitudes políticas, como é a dos anarco-punks mereceria um estudo mais específico e aprofundado.

Como um outro fator muito importante da cultura anarco-punk, que é sem dúvida uma de suas marcas mais visíveis socialmente e grande responsável para a acusação de “niilistas” e violentos, conforme a elaboração discutida no início desse trabalho, há o fundamental papel dos *sentimentos* na construção de suas lutas políticas. Sentimentos identificados principalmente como raiva, ódio e revolta.

Ao ser questionado sobre a diferença entre um anarquista e um punk-anarquista, Ateu respondeu que “a diferença de um anarquista e de um anarco-punk é justamente a cultura, a estética, a revolta”. O fato deles estarem “inseridos na sociedade”, sendo “obrigados a trabalhar e a consumir”, sendo assim “estuprados constantemente pela sociedade”, “é que faz você lutar cada vez mais”.⁷⁸

A revolta nesse caso funciona como uma espécie de “combustível” para a luta política. Se pensarmos que os anarco-punks consideram a exploração e a desigualdade social existentes e atuantes em cada momento do dia-a-dia e em cada relação entre as pessoas, podemos entender

⁷⁷ Para essas informações, valho-me dos relatos de Ateu, que visitou a ocupação no início de 2003, de dois panfletos produzidos pelos anarco-punks do *squat* (já citados anteriormente, p.57 e p.70) e do informe presente em www.gritopunk.hpg.com.br Acesso em 26 jul. 2003.

⁷⁸ Entrevista com Ateu, registrada em 21 de setembro de 2003.

porque sua revolta também parece mostrar-se constantemente contra cada pequeno aspecto da vida social (fazendo com que recebam rótulos de “radicais”, “violentos”, “revoltados-sem-causa” etc.).

A banda *Execradores* também enfatiza a importância dos sentimentos para a ação política dos anarco-punks ao explicarem o significado do nome de seu grupo:

An execrator is someone who doesn't keep inside the hatred that he or she feels. That is what we feel when we see all the social injustices: sexism, homophobia, machoism, the killing of innocent and defenseless animals, etc. We looked for a name that demonstrates all the things we feel and we think “Execradores” is ideal for it.⁷⁹

Mais uma vez é possível perceber que a chamada “dominação social” atinge as mais diferentes esferas da vida, a repressão dos sentimentos e dos impulsos, como já citado anteriormente, é parte dessa dominação, que inclusive elimina mais uma arma de luta política: a revolta frente às injustiças sociais.

Essa positividade da raiva e revolta ajuda-nos a compreender como *ódio* e *amor* juntam-se na composição de um amálgama de sentimentos que compõe o desejo de combater e *destruir* tudo o que os anarco-punks consideram negativo na sociedade e de *criar* novos valores e práticas sociais, tudo isso através de seus exercícios de criação cultural:

Punk é mais que estética, ou revolta não-direcionada...Punk é um forte sentimento de amor e ódio que se completam e nos movem a nos modificar e impele-nos a seguir, de coração aberto, para uma batalha contra as regras de merda, caapitalistas/sexistas/racistas/comportamentais...tão espalhadas pelo mundo. À LUTA, PUNK!!!⁸⁰

São idéias em perfeita sintonia com um poema veiculado pelo boletim eletrônico *Grito Punk*:

(...) Amo minha/nossa kontra-kultura/ Amo com cada milímetro de ódio que fermenta meu corpo/
Amo com toda intensidade/ Com todo prazer, com toda revolta.../ O punk é minha vida/ O punk
me faz viver/ E conseqüentemente faço-o viver/(...)⁸¹

⁷⁹ “Um execrator é alguém que não guarda dentro de si o ódio que ele ou ela sente. Isto é o que sentimos ao vermos todas as injustiças sociais: sexismo, homofobia, machismo, a matança de animais inocentes e indefesos etc. Nós procuramos por um nome que demonstre todas as coisas que sentimos e pensamos e achamos que ‘Execradores’ é ideal para isso.” EXECRADORES. Entrevista concedida a Kerry. Profane Existence #28 (EUA). Disponível em www.execradores.cjb.net. Acesso em 03 ago. 2003.

⁸⁰ Comentário da banda Execradores sobre sua música “Punk”.). Disponível em www.execradores.cjb.net. Acesso em 03 ago. 2003.

A banda *Denúncia*, realizando uma apresentação *cover* da banda *Descarga Violenta*, demonstra em uma música como os sentimentos são parte essencial da cultura anarco-punk (e punk em geral). Trata-se da música “Ame seu ódio”, cuja letra se resume a uma única frase: “Ame seu ódio e aja já!”.⁸² Não há maiores explicações ou contextualizações, já que para eles é comum que o ódio seja relacionado a um sentido positivo, indissociável do direcionamento político de transformação social.

Direcionamento –palavra utilizada pelos *Execradores* anteriormente- talvez seja o termo para explicar a aparente contradição entre um pensamento que enfatize a *consciência* e uma certa racionalização, como é próprio do anarquismo adotado pelos anarco-punks, mas ao mesmo tempo em que sentimentos “caóticos” como o ódio, a revolta e –por que não?- o amor sejam também reivindicados por eles como parte de sua cultura.

Essa união anarquismo/punk parece não querer subordinar um ao outro nem o caráter “razão”, necessário à compreensão da organização exploratória da sociedade e ao direcionamento dos atos e idéias políticas (pois há um objetivo maior projetado para o futuro que a simples destruição da ordem pública), nem o caráter “sentimento”, cujo respeito parece ser parte da garantia do não surgimento de novas dominações sobre os indivíduos.

O resultado desse “equilíbrio” (um equilíbrio bastante dinâmico e conflituoso, na verdade) parece ser a criação da já discutida “revolução individual”, paralelamente à organização e as mudanças coletivas. A importância do *indivíduo* é sem dúvida fundamental para a elaboração do anarquismo-punk.

Toda a dificuldade do equilíbrio (“equilibração” talvez fosse a palavra mais adequada) entre indivíduo/coletivo, razão/sentimentos, continuidades/rupturas, manutenção/destruição, passado/presente e, por fim, futuro demonstra o imenso trabalho que os anarco-punks se dispuseram a realizar, de acordo com suas próprias construções imaginárias sobre a organização social. Como suas práticas e pensamentos políticos, juntamente com sua cultura de forma geral, podem atuar realmente a favor de mudanças sociais, Paulo, da banda *Execradores*, tenta demonstrar:

⁸¹ TALITA. **Punx**. Disponível em www.gritopunk.hpg.com.br Acesso em 26 jul. 2003.

⁸² Ame seu ódio In: DENÚNCIA. **O Perigo**: vivo e ativo. Birigui, s/d. [fita demo]

To be active is to work daily to make fight against the oppression the fastest and greatest; to build, to produce a culture and subsist alternative ways; to show that a society, free of competition and prejudices is possible; to show to people that things could be better and this betterment depends on all of us.⁸³

Ateu, admitido todos os limites de influência social que podem ter os anarco-punks, diz simplesmente que: “Não vamos mudar o mundo. Vamos mudar nossas vidas”.⁸⁴

Samuel logo o complementa:

Mas eu acredito que o anarquismo pode existir, não é que tem que se chamar anarquismo nem a gente quer que todo mundo vire anarco-punk, na verdade nem precisaria mais do punk nem do anarquista.⁸⁵

Se seu pensamento e práticas sociais e também sua cultura são realmente *efetivos* para auxiliar-nos –a todos nós- na transformação social, acho que ainda não podemos responder, mas sem dúvida eles cumprem com o papel proposto por eles mesmos, de demonstrar que ainda *é possível* a criação de alternativas de vida social (seja quais forem). E fazem isso ao se colocarem como reais *sujeitos* da história, dispostos por seus próprios meios a romper com o antigo e construir seu presente, sua vida e seu futuro. Sua liberdade.

⁸³ “Ser ativo é trabalhar diariamente para fazer da luta contra a opressão a mais rápida e maior; construir, produzir uma cultura e subsistir por modos alternativos; mostrar que uma sociedade, livre de competição e preconceitos é possível; mostrar às pessoas que as coisas poderiam ser melhores e esta melhoria depende de todos nós.” EXECRADORES. Entrevista concedida a Kerry. Profane Existence #28 (EUA). Disponível em www.execradores.cjb.net. Acesso em 03 ago. 2003.

⁸⁴ Entrevista com Ateu, registrada em 21 de setembro de 2003.

⁸⁵ Entrevista com Samuel, registrada em 21 de setembro de 2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O niilismo, conforme tentei compreender neste trabalho, envolve construções imaginárias extremamente complexas, justamente por seu caráter inegavelmente *histórico* e *político*.

Todas as elaborações imaginárias que os diferentes segmentos de nossa sociedade contemporânea podem realizar quanto às relações de poder, a estruturação de instituições, a dinâmica da *transformação* social, das vias legítimas de atuação política, da capacidade de cada um dos sujeitos sociais em *agir* efetivamente e de forma autônoma por estas transformações, todas envolvem compreensões específicas quanto ao caráter (para alguns poderíamos dizer o “funcionamento”) da *história*: as relações estabelecidas entre o passado, o presente e o futuro e a capacidade humana em *construir* livremente estas relações em sua própria realidade social.

O niilismo considerado inicialmente, referente a sua construção imaginária que poderíamos denominar hegemônica, parece envolver o pensamento de pessoas que entendem a sua própria história –e organização social- como uma entidade quase *suprahumana*. Ela (a História) seria possuidora de uma linearidade e de uma lógica única, que seria melhor não ser quebrada sob pena de nos desviarmos de nosso caminho rumo ao desenvolvimento e a segurança (palavra tão importante em nosso tempo).

As *transformações* históricas e sociais, ainda segundo esta elaboração específica, também devem ocorrer segundo esta linearidade, este *processo*, que parece garantir, assim, um certo grau de previsibilidade entre nosso presente e nosso futuro. Sujeitos como os anarco-punks, que pretendem atuar *fora* dos padrões considerados legítimos para a “verdadeira” política (a política democrática e parlamentar), que propõem rupturas violentas na organização social e que agem de forma aparentemente desordenada, “caótica” e imprevisível, nada mais fazem que abalar todas as nossas já frágeis sustentações sociais. São *destruidores*, não compreendem o “caminho” certo para o *futuro* porque não se importam que ele exista, levar-nos-ão ao puro *nada*. São niilistas.

Não se pode separar, porém, esta construção imaginária da organização concreta de nossa sociedade contemporânea, de suas relações de poder e dos interesses mais imediatos de segmentos sociais específicos.

A elaboração da história como uma entidade viva, quase que com desejos próprios e atuação autônoma, acaba por favorecer a perda de autonomia dos sujeitos sociais que a constroem. O medo da quebra da aparente linearidade do processo histórico-social pode muitas vezes levar ao *imobilismo* político, uma vez que a política já possui um paradigma de funcionamento que a maioria dos indivíduos e grupos sociais simplesmente estão excluídos.

Paradigmas, modelos e processos que cada vez mais se mostram como realmente incapazes de transformarem a realidade social. Incapazes de “garantir” o *futuro* que sempre tentaram mostrar como certo.

Pode-se entender daí minha tentativa neste trabalho em refletir sobre uma segunda possível construção do imaginário social relativo ao niilismo em nossa contemporaneidade. O niilismo poderia ser entendido mais como esta *incapacidade* de rupturas com uma organização social (e uma suposta lógica da História) que me parece não sustentar aqueles presente e futuro prometidos. Niilismo entendido como uma elaboração imaginária que favorece este imobilismo político para ações de transformação mais efetivas da realidade social; que suprime a capacidade de *criação* dos sujeitos sociais e sua real *autonomia* na construção de suas vidas, presente e futura.

O pensamento e a cultura anarco-punk foram fundamentais para estas reflexões. Não porque se encaixem como niilistas (em qualquer uma das duas construções discutidas), pelo contrário, porque *não* poderiam, de acordo com minha consideração específica, ser considerados niilistas.

Afirmo isso justamente pelos anarco-punks desenvolverem pensamentos e práticas culturais que enfatizam a *criação* de novas alternativas à vida social (claro que podemos pessoalmente não apreciar ou agradar de suas criações, mas o fato é que elas são reais mostras da possibilidade de construções alternativas). Eles também possuem uma clara e intensa preocupação com o futuro, ao contrário do que se poderia pensar, juntamente com uma grande importância dada à *consciência* do presente e do passado de sua sociedade. As

rupturas defendidas pelos anarco-punks não são *totaïs*; há elementos da organização social que merecem uma possuir uma continuidade.

Mas dentre todos os elementos do pensamento e cultura anarco-punk, conforme os discutidos aqui, o que pessoalmente mais me chamou a atenção é o papel fundamental dado por eles às transformações individuais junto às transformações coletivas (sociais). A chamada “revolução pessoal” é algo que talvez merecesse uma reflexão mais aprofundada, uma vez que nossa sociedade contemporânea parece, para muitos, marcada pela substituição em importância das necessidades coletivas pelas necessidades individuais. Pensa-se muitas vezes nosso tempo marcado pelo chamado “individualismo” e, não raro, ele é apontado como “responsável” por diversos problemas políticos e sociais.

São questões ainda a serem colocadas, mas que os anarco-punks já começaram a se preocupar e a tentar buscar algumas respostas. Respostas sempre buscadas na construção de sua cultura e de sua vida, palco de sua história.

FONTES EM GERAL

ENTREVISTAS

- Entrevista com Ateu, registrada em 4 de fevereiro de 2003.
- Entrevista com Ateu, registrada em 21 de setembro de 2003.
- Entrevista com Samuel, registrada em 21 de setembro de 2003.

FITAS E DISCOS

- ABUSO SONORO. **Já Basta!!!** [Itália]: Bomber Records, s/d.
- ABUSO SONORO. **Prisões.** [França]: Panx Rec., s/d.
- ABUSO SONORO. **Revolte-se.** [EUA]: Sin Frontera Records, s/d.
- ANARCO-ÍRIS. **Anarco-Íris.** Uberlândia, 2001. [fita demo]
- ANTÍTESE SOCIAL. **Libertários.** Caxias do Sul, 2000. [fita demo]
- ANTÍTESE SOCIAL. **Reexistir.** Caxias do Sul, 2003.
- Coletânea Aliança Libertária. Rio de Janeiro: Aliança Libertária Records, s/d.
- CONFRONTO. **Avante.** Santa Bárbara d'Oeste, 2000. [fita demo]
- DENÚNCIA. **O Perigo:** vivo e ativo. Birigui, s/d. [fita demo]
- DISTÚRBIO MENTAL. **Distúrbio Mental ao Vivo.** Ribeirão Preto, 1997. [fita demo]
- DISTÚRBIO MENTAL. **Mentes de Merda.** Ribeirão Preto, 1997. [fita demo]
- EXECRADORES/SIN DIOS. **A Luta.** [-]: Esperanza Recs., 1999.
- RAMONES. **Ramones.** Londres: Sire, 1976.
- SEX PISTOLS. **Never mind the bollocks:** here's The Sex Pistols. Londres: Virgin, 1977.

NOTÍCIAS DE JORNAIS

- FURTADO, B. Manifestação do MST em SP acaba com seis feridos. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 18 abr. 1998. Brasil, p.1-9.
- GODOY, M. Brigada dos “sem-qualquer-coisa” vai às ruas protestar contra tudo. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 26 jul. 1997. Brasil, p. 1-9.

- GRINBAUM, R. Protestos unem punks e velha guarda. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 2 maio 2000. Dinheiro, p. 2-11.
- MATTOS, A.; BILLI, M. Punk faz protesto virar tumulto em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 27 set. 2000. Dinheiro, p.B4.
- TORRES, S. Ação de punks preocupa PM e CUT. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 jul. 1998. Brasil, p. 1-6.
- VAZ, L. Punk iguala esquerda e direita. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 jun. 2001. Brasil, p. A8.
- WERNECK, F. Manifestantes são detidos ao invadir museu. **Estado de São Paulo**. São Paulo. 29 jun. 1999.

PÁGINAS DA INTERNET

- www.aliancalibertaria.cjb.net Acesso em 02 nov. 2003.
 - °Texto “Do it yourself”
- www.anarcopunk.org Acesso em 31 ago. 2003.
 - °Texto “Org.@.p e o movimento Anarco-Punk”
 - °Texto “Eventos”
- www.anarcopunk.org/maranaete/index.htm Acesso em 18 jul. 2003.
 - °Editorial “Marãna-Eté”
- www.execradores.cjb.net. Acesso em 3 ago. 2003.
 - °Entrevista com *Execradores*
 - °Comentário sobre a música “Tabus”
 - °Comentários sobre a música “Punk”
- www.geocities.com/CapitolHill/Senate/9044 e crass77.tripod.com.br/crassrj.
 - °Informações sobre o *Crass*.
- www.geocities.com/Pipeline/Dropzone/1825 Acesso em 15 jan. 2004.
 - °Letra “500 anos de Mentiras” (*Distúrbio Mental*).
- www.geocities.com/SunsetStrip/Arena/6325/5.htm. Acesso em 02 fev. 2003.
 - °Texto “Amor, não temor!” (*Abuso Sonoro*)
- go.to/zineprofecia. Acesso em 28 jul. 2003.

°Texto “Revolução” (*Map-RJ*)

-www.gritopunk.hpg.com.br Acesso em 16 maio 2003.

°Entrevista com *Última Marcha*

° Informações sobre “Pomba Negra”

° Poesia “Punx”

°Texto “Um pouco sobre o 3º EIAP”

° Texto “Reflexões sobre Encontros Anarco-Punks”

PANFLETOS, ZINES E INFORMATIVOS

- **HARDCORE COMBATIVO SHOW FEST**. Uberlândia, 2003. [cartaz de divulgação]

- **Informação Alternativa**. Salvador, n.01, jun. 1996.

- **Informação Alternativa**. Salvador, n.04, mar. 1997.

- **Informação Alternativa**. Salvador, n.05, mar. 1998.

- **Informação Alternativa**. Salvados, n.03, dez. 1996.

- **Punk**: Contracultura em Movimento. Campinas, s/d. [panfleto]

- **Punk**: expressão de ódio. Campinas, s/d. [panfleto]

- **Resistência e Luta**. Santos, n.38. maio/jun. 2000. [informativo]

- **WISH OF DESTROY. Confronto**. Santa Bárbara d'Oeste, s/d. [panfleto]

- **7 DE SETEMBRO, DIA DA INDEPENDÊNCIA?** [panfleto] [s/l], [2000?].

- **7 DE SETEMBRO. INDEPENDÊNTES?** [panfleto] Uberlândia, 2002.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (orgs) **Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 9-23
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (5ª Edição)
- CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- CASTORIADIS, Cornelius. A ascensão da insignificância. In: _____. **As encruzilhadas do Labirinto: a ascensão da insignificância (vol.IV)**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 95-118
- _____. A crise das sociedades ocidentais. In: _____. **As encruzilhadas do Labirinto: a ascensão da insignificância (vol.IV)**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 9-26
- _____. **A Instituição Imaginária da Sociedade** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. Poder, política e autonomia. In: **As encruzilhadas do Labirinto: o mundo fragmentado (vol. III)**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 121-149
- COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Musa, 2000.
- ESSINGER, Silvio. **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- FRANCO, Homero Fábio Medeiros. **A Cena punk e a Ordem Contemporânea: atitudes e pertinência dos jovens nas cidades Brasileiras**, UFU: 2001 [monografia]
- FRIEDLANDER, Paul. Punk Rock: pauleira e política de choque. In: **Rock and Roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 351-365.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

- JAMES, David. Poesia/Punk/Produção: alguns textos recentes em Los Angeles. In: KAPLAN, E. Ann. **O Mal-Estar no Pós-Modernismo: teorias, práticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- KURZ, Robert. A crise do sistema mundial produtor de mercadorias In: _____. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.198-222
- MAFFESOLI, Michel. A ética pós-moderna. In: **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 17, n.1, p. 194-202, jan/dez., 1991.
- MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- McCain, Gillian; McNeil, Legs. **Mate-me por favor: uma história sem censura do punk**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In: _____. **Considerações Intempestivas**. Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1976.
- _____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. **O Anticristo**. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, s/d.
- _____. **Vontade de Potência**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- p. 101-205.
- TURGUENIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.